



Do original ao originário: imagens do Zé Povo na imprensa caricata portuguesa e sul-rio-grandense

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

70



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2023



**Do original ao
originário: imagens do
Zé Povo na imprensa
caricata portuguesa e
sul-rio-grandense**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Do original ao originário: imagens do Zé Povo na imprensa caricata portuguesa e sul-rio-grandense



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Do original ao originário: imagens do Zé Povo na imprensa caricata portuguesa e sul-rio-grandense
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 70
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Abril de 2024

ISBN – 978-65-5306-046-3

CAPA: BISTURI. Rio Grande, 31 ago. 1890.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

O Zé Povo surgiu a partir da inspiração de Rafael Bordalo Pinheiro, um dos mais importantes artistas de Portugal, cuja obra influenciou a arte caricatural não só em seu país, mas igualmente no Brasil, lugar no qual ele também exerceu sua profissão¹. Em 1875, a artista luso desenhou “um personagem com aspecto saloio, a ser ludibriado pelos políticos”, nascendo em tal ano “o principal herói da caricatura portuguesa, um ícone que

¹ Sobre Rafael Bordalo Pinheiro, o criador do Zé Povo, além das referências citadas, ver também: PINTO, Manoel de Sousa. *Bordallo e a caricatura*. In: *Raphael Bordallo Pinheiro*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1915. p. VII-LXXXVII.; BRITO, J. J. Gomes de. *Rafael Bordalo Pinheiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920.; NEVES, Álvaro. *Rafael Bordalo Pinheiro – achegas para a sua biografia artística*. Lisboa: Tip. da Empresa Diário de Notícias, 1922.; FERRÃO, Julieta. *Rafael Bordalo Pinheiro e a crítica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.; LIMA, Sebastião de Magalhães. *Rafael Bordalo Pinheiro: moralizador político e social*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.; FERRÃO, Julieta. *Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1945)*. Lisboa: Editora Litoral, 1946.; FRANÇA, José-Augusto. *O essencial sobre Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.; PROENÇA, Maria Cândida & MANIQUE, Antônio Pedro (orgs.). *O Antônio Maria, a Paródia, Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Publicações Alfa, 1990.; e MASCARENHAS, João Mário. *Rafael Bordalo Pinheiro: o cidadão e o artista: cronologia do inventor do humor português*. Lisboa: Câmara Municipal, 2005.

marcará toda a existência satírica” lusa². O caricaturista português, “como obra prima e companheiro de sua saga crítica”, promoveu a criação da “síntese do povo português, o homem desconfiado, mas ingênuo, o revoltado, mas indiferente, o alegre, mas saudoso – o Zé Povinho”³. Nesse sentido, o Zé surge como um indivíduo “espertalhão, rebelde, mas resignado, apático muitas vezes, quase covarde”, tornando-se “a vítima ideal dos malefícios dos políticos, mas também crítico mordaz, capaz de perceber, denunciar e de dar a volta a situações”⁴.

Esse Zé, além de aparecer “como *ser imaginário*”, não deixa de ser “por isso menos real e realista, no qual se pode descortinar, para além da sua especial função satírica ou lúdica, um intuito evidentemente bem conseguido de personificar tradicionalmente” o povo⁵. Ele constitui “uma sinopse da própria mentalidade do povo que o engendrou e nele, através de um (duplo) diminutivo tão revelador, se tornou” um “símbolo totêmico”, como um “rosto bronco de um pascácio rural” e um “campônio mal vestido, de barba rala, colete e chapéu preto braguês, de rústico, calças de fazenda ruim, mãos nos bolsos, riso alvar, espécie de resignado

² SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal – na monarquia (1847-1910)*. Lisboa: Humorgrafe; S.E.C.S, 1998. v. 1. p. 172.

³ SOUSA, Osvaldo de. *A caricatura política em Portugal*. Lisboa: Salão Nacional de Caricatura, 1991. p. 35.

⁴ PIMENTEL, Rui. *O Zé Povinho e outras caricaturas*. Lisboa: Câmara Municipal, 2004. p. 5.

⁵ MEDINA, João de. O Zé Povinho, caricatura do “homo lusitanus”: estudo de história das mentalidades. In: *Estudos em homenagem a Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: INIC, 1992. p. 448.

Sancho Pança sem D. Quixote”⁶. Como uma “figura cultural e psíquica coletiva”, o Zé Povo torna-se “mito e imaginário”, mexendo com “imaginação e afetividade”, vindo a constituir “modelo nacional e figura historicamente situada”, além de “tradução profunda de sonhos, obsessões, anseios, tropismos, fobias, medos, aspirações, paixões, rotinas”, entre outros. Ele aparece como “homem crédulo e incrédulo, submisso e revoltado, humilde e orgulhoso, abúlico e voluntarioso, indiferente e compassivo, egoísta e duvidoso, azedo e bonacheirão”, vindo a operar “diversas coincidências de opostos que nem sempre têm a sua realização dialética”⁷.

Tal figura constituiu um “símbolo popular, meio rústico meio urbano”, assim como uma “vítima da sociedade constituída tanto como objeto demagógico dela própria e sua possibilidade”⁸. O Zé Povo é “menos uma projeção do que um reflexo”, de modo que, “menos do que encarnar desejos ou necessidades, ele reflete os acidentes do dia a dia”, referindo-se “ao experimentado” e “a uma *práxis* sofrida”. O personagem tornou-se “símbolo da submissão e da paciência” e “também de uma proteção confortável” para suportar “as cangalhas numerosas” que lhes são impostas⁹. Transpassado de

⁶ MEDINA, João. No 130º aniversário do Zé Povinho: Rafael Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho, autocaricatura do português. In: *Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa, n. 4, 2005, p. 355.

⁷ MEDINA, 1992. p. 449-450.

⁸ FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976. p. 21.

⁹ FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual*. 3.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. p. 282-283.

Portugal para o Brasil, o Zé Povinho transformou-se “num emblema de um povo e do seu modo de estar, sentir e ser”, desprovido “de espírito crítico”, bem como “indolente, ignaro, suportando com paciência inerte todos os desmandos”, daqueles que detinham o poder. Ele aparece “como um simplório passivo que segue, entre divertido e irritado”, o cenário político nacional. A criação de Bordalo Pinheiro expandiu-se, “com espantosa celeridade” e “o boneco pegou na caricatura”, com a aceitação dentre os caricaturistas de sua “função estereotípica do emblema como símbolo” popular, “sem que para tal fosse preciso uma mínima explicação didática, chegando a constituir um “protótipo nacional”¹⁰.

O povo brasileiro, ou mesmo a nação brasileira, teve representações variáveis a partir das publicações ilustradas e humorísticas. Com base nos princípios românticos da idolatria por um passado considerado heroico, um dos símbolos do povo no Brasil foi a figura do indígena. A imagem do índio conviveu e foi progressivamente substituída pela do Zé Povo, que passou a representar os segmentos sociais mais populares, mormente na virada do século XIX para o XX. Mais tarde, notadamente a partir das décadas de vinte e trinta dos Novecentos, apareceria outra representação, a do Jeca. Nos quadros da imprensa ilustrada e humorística brasileira, os periódicos caricatos sul-rio-grandenses também lançaram mão da figura do indígena, sem deixar de lado o Zé Povinho, que também protagonizou ou coadjuvou seus desenhos.

¹⁰ MEDINA, João. *Caricatura em Portugal: Rafael Bordalo Pinheiro – pai do Zé Povinho*. Lisboa: Edições Colibri, 2008. p. 48 e 86.

Assim, em meio aos personagens de cunho aristocrático, apareceu também no Brasil “o Zé-Povinho, eterno anônimo”, que viria a surgir “nas páginas dos jornais, no anedotário” e na caricatura¹¹. Mais recorrentemente ao final do século XIX, “passam a frequentar as páginas” das folhas caricatas “as inúmeras variações do Zé-Povo brasileiro”, de modo que, progressivamente, saía “de cena o vigoroso índio para representar o Brasil”, surgindo em seu lugar “o povinho das ruas”, em seus diversos matizes, o qual “vai aos poucos penetrando nas frestas que a caricatura política vai deixando entreabertas”¹². As “ambíguas definições” do “suporte crítico” do Zé Povo e a “referência causal dirigida ao governo e à política serviram como catalizadores na emergência de um sujeito indagador”, que seria “capaz de elaborar sua carência de poder como traço de união” entre ele próprio “e a totalidade da população, produzindo a ideia desse todo, circunscrevendo a força do Estado no lado oposto ao seu e tendendo a aproximar poder político e riqueza”. Nesse quadro, “o humor assumia a função de interpretar” um “lado oculto” da “opressão, alimentando a desconfiança sobre a aparência imediata das relações de poder e satisfazendo a voracidade de seu destinatário na denúncia das sutis astúcias de que tais relações se

¹¹ LUSTOSA, Isabel. *Histórias de Presidentes: a República no Catete*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989. p. 15.

¹² LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 61.

revestiam”¹³. Este livro pretende abordar o personagem em pauta a partir de um estudo de caso junto ao jornalismo humorístico-ilustrado luso e identificar a sua presença no periodismo caricato gaúcho.

¹³ SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 88 e 90.

SUMÁRIO

O Zé Povo e a imprensa ilustrada e humorística portuguesa: breve estudo de caso / 17

O Zé Povo nos periódicos caricatos sul-riograndenses / 65

O Zé Povo e a imprensa ilustrada e humorística portuguesa: breve estudo de caso

Durante sua longa carreira e em meio aos diversos periódicos em que atuou, Rafael Bordalo Pinheiro utilizou-se recorrentemente da figura do Zé Povo, transformando-o em verdadeira presença cotidiana nas representações da população portuguesa. Mantendo suas vestes tradicionais ou, normalmente em ocasiões especiais, modificando sua indumentária e até mesmo uma ou outra de suas características, o Zé manteve seu modelo comportamental, que variava entre o beócio que era constantemente ludibriado, e o sagaz, que se adiantava àqueles que buscavam lhe enganar, ou ainda, uma terceira via, amálgama das outras duas, em um misto, como aquele que se fingia de bronco, sem deixar de ser astuto, de modo a sobreviver diante dos desafios impostos pelos seus algozes. Em meio às publicações editadas por Bordalo Pinheiro, uma das mais relevantes foi *O Antônio Maria*, que mudou de denominação durante um período de sua existência, passando a se chamar *Pontos nos ii*. A presença da figura do Zé Povinho nesses dois títulos, à época da transição de um para o outro, entre 1884 e 1885, na forma de um estudo de caso, constitui o escopo deste capítulo.

A publicação ilustrada e humorística lisbonense, que circulou entre 1879 e 1899¹⁴, com uma interrupção nos anos oitenta e noventa, e constituiu um dos mais importantes periódicos caricatos portugueses, foi *O Antônio Maria*, que de acordo com suas práticas crítico-opinativas, esteve entre os mais combativos ao *status quo* reinante em Portugal¹⁵. Seu título era comicamente alusivo a um político luso, Antônio Maria Fontes Pereira de Melo. Tal folha fazia “para o advento da república” mais “do que os outros jornalistas do partido”, através de “desenhos flagrantes, ousados e elucidativos”, que “eram como catapultas contra o regime”¹⁶. Nesse sentido, exerceu “vasta influência no espírito público” e, “com a sua pena cáustica, caricaturava a monarquia agonizante”¹⁷ e sua ação representou um “novo renascimento da caricatura política em Portugal, marcando a história desta arte, e da política nacional até ao final do século”¹⁸.

Em um jocosos e irônico programa, o semanário caricato pretendia ser uma “síntese do bom senso nacional tocado por um raio alegre do bom sol

¹⁴ RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 59-60.

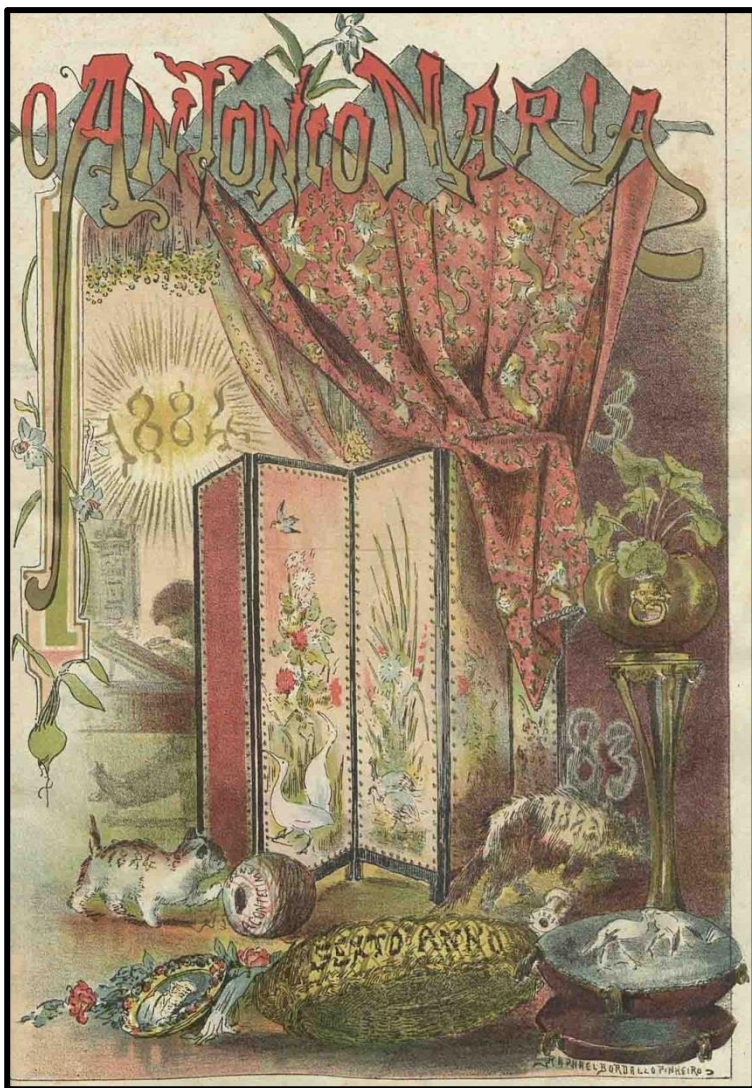
¹⁵ FRANÇA, José Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976.

¹⁶ MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1941.p. 101.

¹⁷ TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 239

¹⁸ SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, s/data. p. 202.

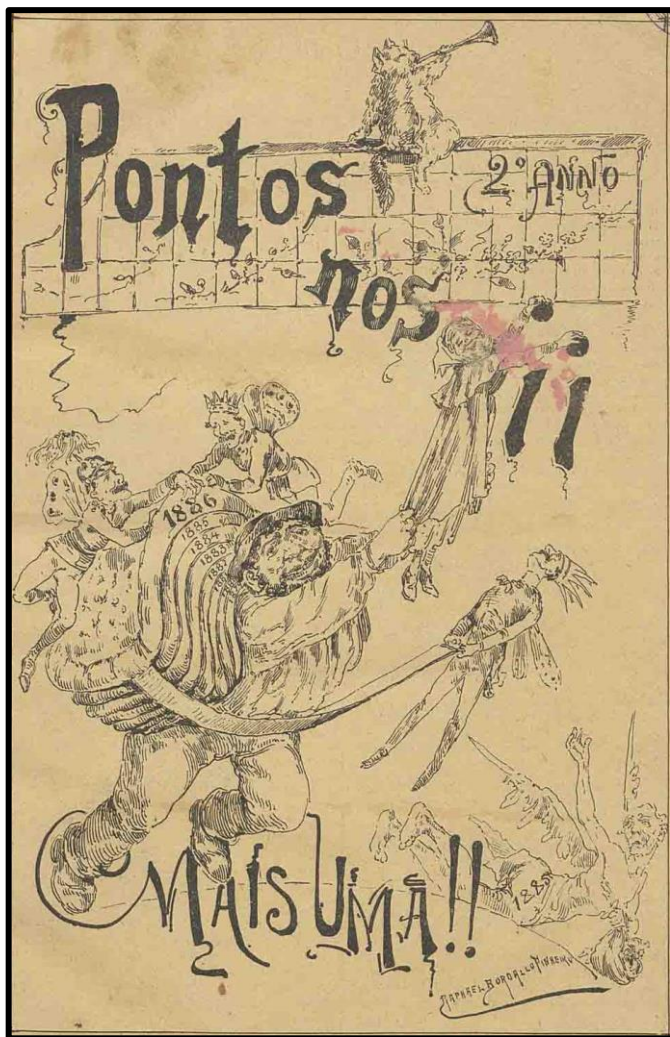
peninsular” que iluminava a todos. Dizia que a ele não restava “outro remédio, na maioria dos casos, senão ser oposição declarada e franca aos governos, e oposição aberta e sistemática às oposições”, o que não o impossibilitaria “de ser amável uns dias por outros, e cheio de cortesia em todos os números”. Explicava que não vinha “possuído do extremo desejo de derribar as instituições vigentes” logo em seguida, esperando que elas ao menos o assinassem primeiro. Revelando a amplitude de seu público, afirmava que abria “os braços a todos os confrades” que soubessem ler e escrever, ou que tivessem “a ciência de assinar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositário dos segredos do seu espírito”. Enfim, propunha-se a fazer “em prosa e verso, à pena e a carvão, a silhueta da sociedade portuguesa no último quartel do século dezenove” (O ANTÔNIO MARIA, 12 jun. 1879).



Por pouco mais de um lustro, a redação de *O Antônio Maria* teria de suspender a sua publicação, época

em que foi substituído pelo hebdomadário *Pontos nos ii*, em um título alusivo à expressão cujo significado era o de analisar e esclarecer dada circunstância com argúcia. A folha manteria as mesmas características e linha editorial do semanário que substituiu e circulou em Lisboa entre 1885 e 1891¹⁹. Em sua apresentação, o hebdomadário mostrava uma historieta de Maria que, viúva havia três meses de Antônio, em uma referência à publicação anterior, resolvera tocar a folha sozinha. Dizia que sua meta era a de fazer “rir sem descanso, de boca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos” que fervilhavam pelo país, “como formigas num açucareiro” e, com tais “galhofeiras disposições” vinha à “presença do público ilustrado” pedir “vênia para patentear – em doses o mais homeopáticas possíveis – todos os patuscos acontecimentos” de que tomara “nota no canhenho do seu Antônio, desde o dia em que ele fora chamado abaixo” (PONTOS NOS ii, 7 maio 1885). Ao retornar, em 1891, *O Antônio Maria* reapresentava-se ao público em uma divertida conversa entre “Antônio, o moderado, e Maria, a irascível”, a qual, até então, estaria a orientar os *Pontos nos ii* e retomava alguns dos elementos programáticos estabelecidos à época da sua gênese (O ANTÔNIO MARIA, 5 mar. 1891).

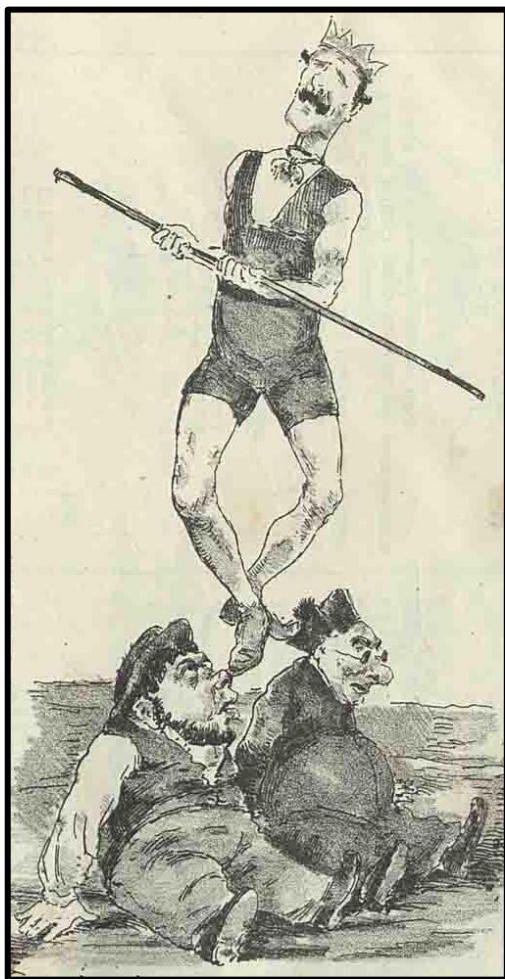
¹⁹ RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. v. 2. p. 179.



Uma das estratégias imagéticas e discursivas utilizadas em torno da figura do Zé Povo foi a de buscar evidenciar uma submissão e uma subserviência de parte

da população portuguesa, de modo que o personagem muitas vezes foi apresentado de maneira serviçal. Com tais características houve a publicação de caricatura na qual enquanto a realeza, o clero e os políticos se deliciavam com um banquete, várias representações do Zé, em trajes diferentes, realizavam os trabalhos da criadagem, e um versinho explicava a circunstância em pauta: “Unida a caterva toda/ Janta à sombra de um carvalho;/ E o povinho serve à roda, / Sem que lhe pese o trabalho” (O ANTÔNIO MARIA, 3 jan. 1884). Em outra caricatura, o chefe do gabinete bancava o equilibrista, estando ele “a fazer equilíbrios com um pé no direito divino e outro no direito popular”. Diante disso, o periódico ironizava, dizendo que se ignorava qual era a sua preferência, quando ficava expresso que era a de calcar o Zé Povinho aos seus pés (O ANTÔNIO MARIA, 24 jan. 1884).

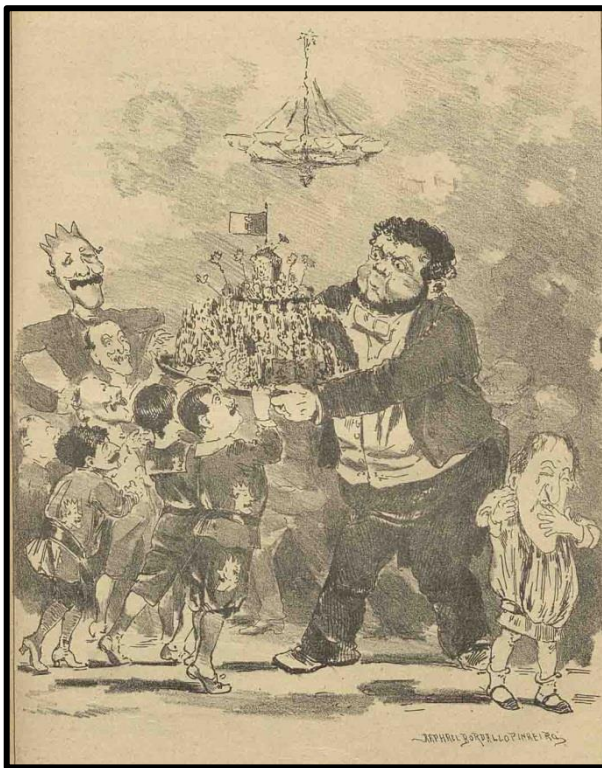


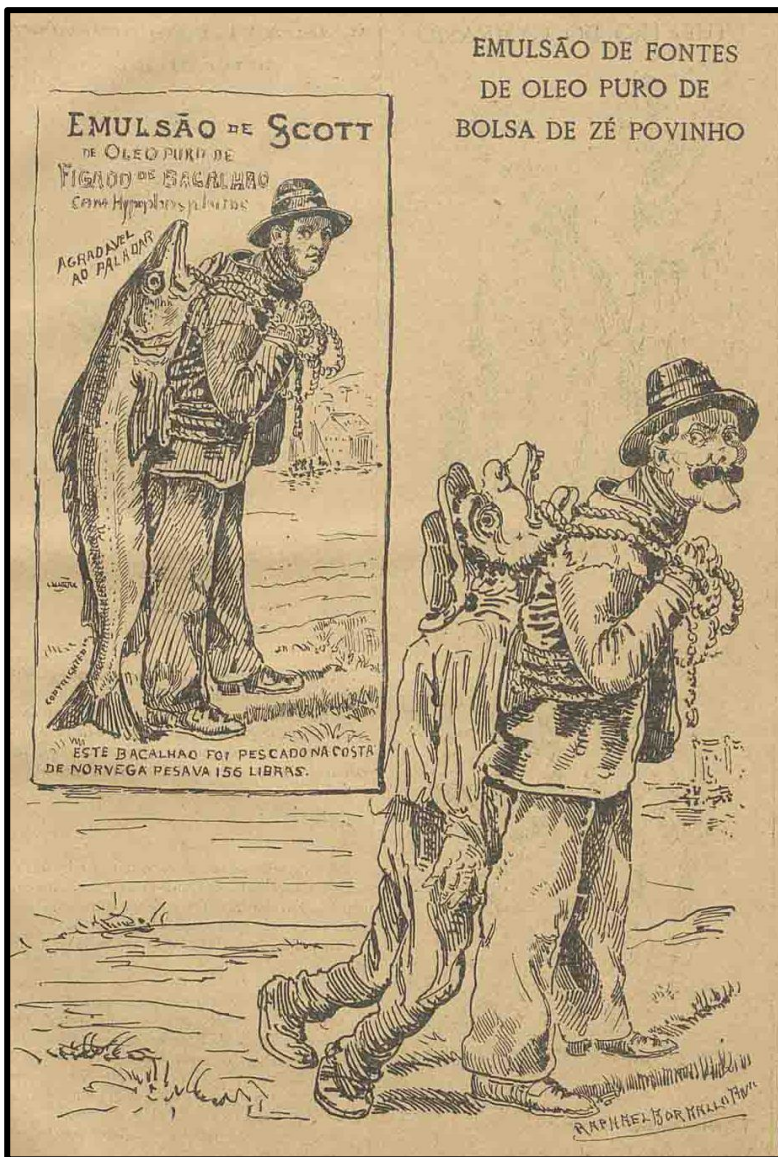


Ainda quanto à subserviência, o Zé Povo aparecia como um garçom que, sob a supervisão do chefe de gabinete, oferecia aos “meninos-políticos” os “bolos fornecidos pela câmara municipal”, em alusão às

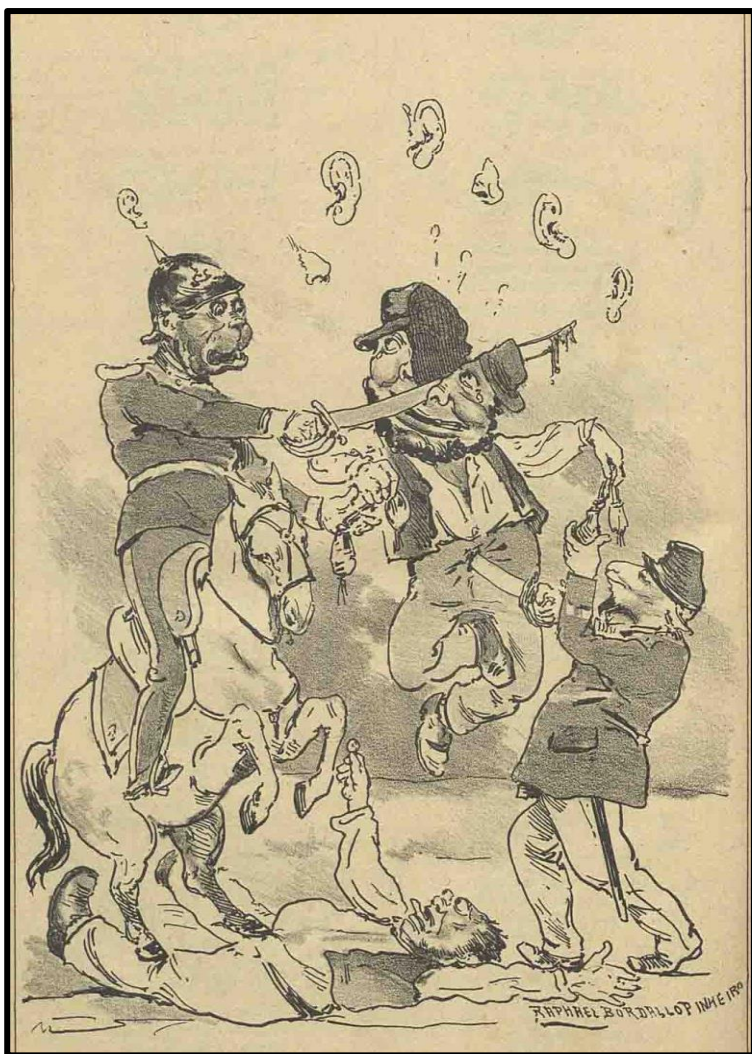
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPrensa CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

verbas disponibilizadas às autoridades públicas (O ANTÔNIO MARIA, 10 jul. 1884). A dominação populacional de parte do governo lusitano foi demonstrada também por meio da adaptação de uma logomarca então muito conhecida, na qual um pescador carregava às costas o fruto de seu trabalho, mas, na concepção do *Pontos nos ii*, o pescador era substituído pelo chefe de governo e o peixe, pelo próprio Zé Povinho, morto e preso pela boca (PONTOS NOS ii, 10 dez. 1885).



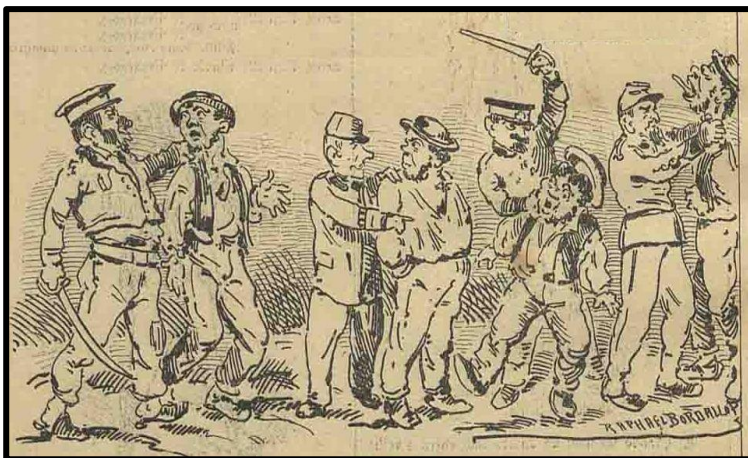


A submissão do povo português advinha também a partir do papel das forças repressivas que, por vezes, não media a violência para sujeitar a população. Foi o caso da construção imagética em que os militares, transmutados em animais, atacavam o Zé Povo com espadas, espedacando-o, além de calcar as pessoas sob as patas de seus cavalos. O título da caricatura demarcava a circunstância com veemência: “Dá cá o soldo e toma lá o saldo”, exercendo o mesmo papel a legenda em forma de versinho: “É mister trazer bem pago/ Quem nos cai sobre o espinhaço:/ O povo esportula o bago./ A tropa fá-lo em bagoço” (O ANTÔNIO MARIA, 28 ago. 1884). Ainda quanto à política repressiva, o *Pontos nos ii* mostrava que o governo poderia uniformizar a guarda municipal como “terríveis mouros” que, com suas cimitarras, dizimavam o povo, chegando a decapitar o Zé (PONTOS NOS ii, 24 set. 1885). O periódico também apontou para o recrudescimento das forças coercitivas a partir da militarização das mesmas, como teria sido o caso da guarda municipal, da polícia civil e dos guardas da alfândega, cada uma delas não medindo esforços para massacrar o Zé Povinho (PONTOS NOS ii, 1º out. 1885).



DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



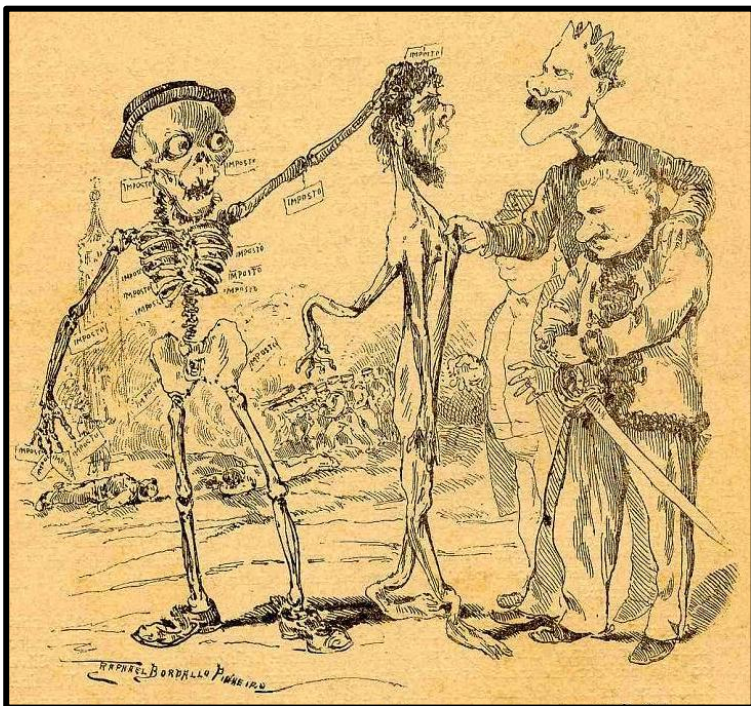


A espoliação da população dava-se também por meio das taxas e impostos que recaíam sobre o povo como forma de sustentação do Estado. Nesse sentido, a pele do Zé Povo era totalmente arrancada pelos políticos, a partir do peso dos impostos, ficando o personagem reduzido apenas ao esqueleto e ao chapéu²⁰ (O ANTÔNIO MARIA, 10 jan. 1885). O Zé Povinho aparecia ainda protegido, uma vez coberto de penas, para em seguida surgir depenado e desamparado a

²⁰ A legenda do desenho era na forma de versos: “O pobre do povo/ A quem o destino, / O fado mofino/ Trabalhos não poupa,/ Em volta da nora,/ De lombo albardado,/ Gemia, coitado,/ Com o peso... da roupa.../ Mas o Fontes ao vê-lo/ Comove-se um dia,/ E o triste alivia/ Tirando-lhe a niza;/ Mais tarde, os calções,/ A cinta, o colete,/ Sapatos, barrete/ E, em suma, a camisa!/ Pela causa do povo,/ Que ao burro comparo,/ Não há como o Caro/ Quem mais se desvele;/ E é justo que o povo/Que ao Fontes exalta/ Lhe entregue o que falta/ Mandando-lhe a pele...”.

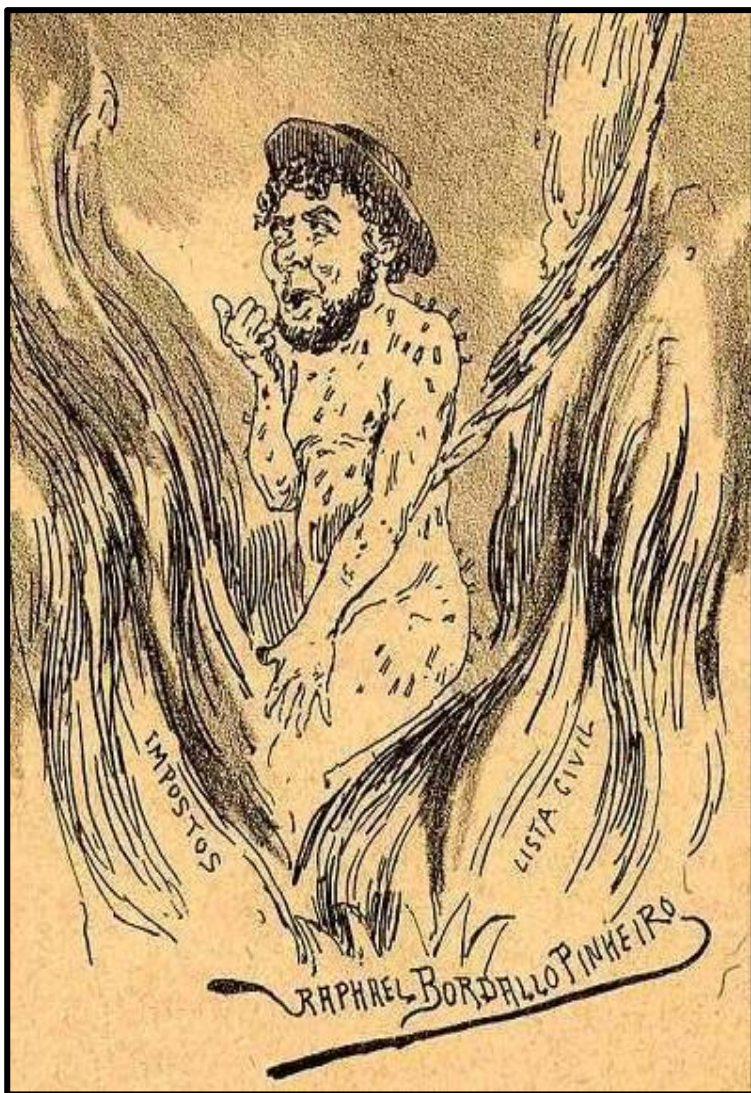
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

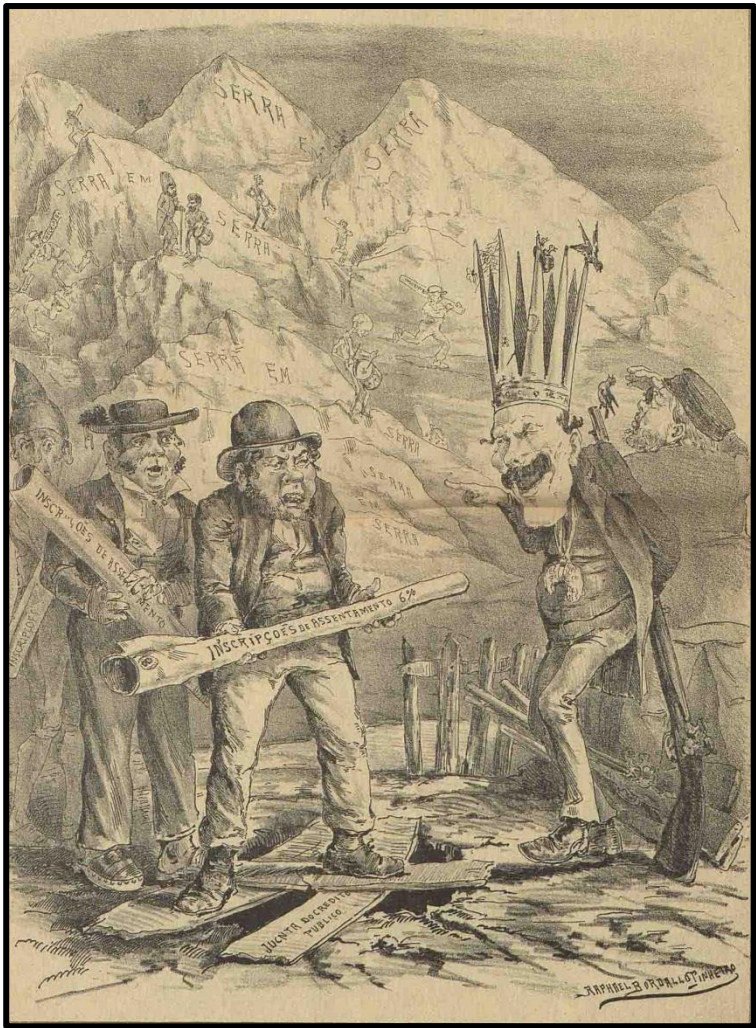
partir da cobrança dos impostos que sobre ele recaíam (O ANTÔNIO MARIA, 21 jan. 1885). Em região serrana, o chefe de governo repassava ao Zé os encargos das “inscrições de assentamento”, perante as quais, este constatava: “Por causa disto é que eu não sou senhor de mim...” (PONTOS NOS ii, 7 maio 1885). A personificação do povo luso surgia também envolto nas tais inscrições, em um cenário com representações das vivências políticas de então, entre as consideradas “novas” e “velhas”, restando ao Zé Povinho apenas a “vida nula” (PONTOS NOS ii, 21 maio 1885).





DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



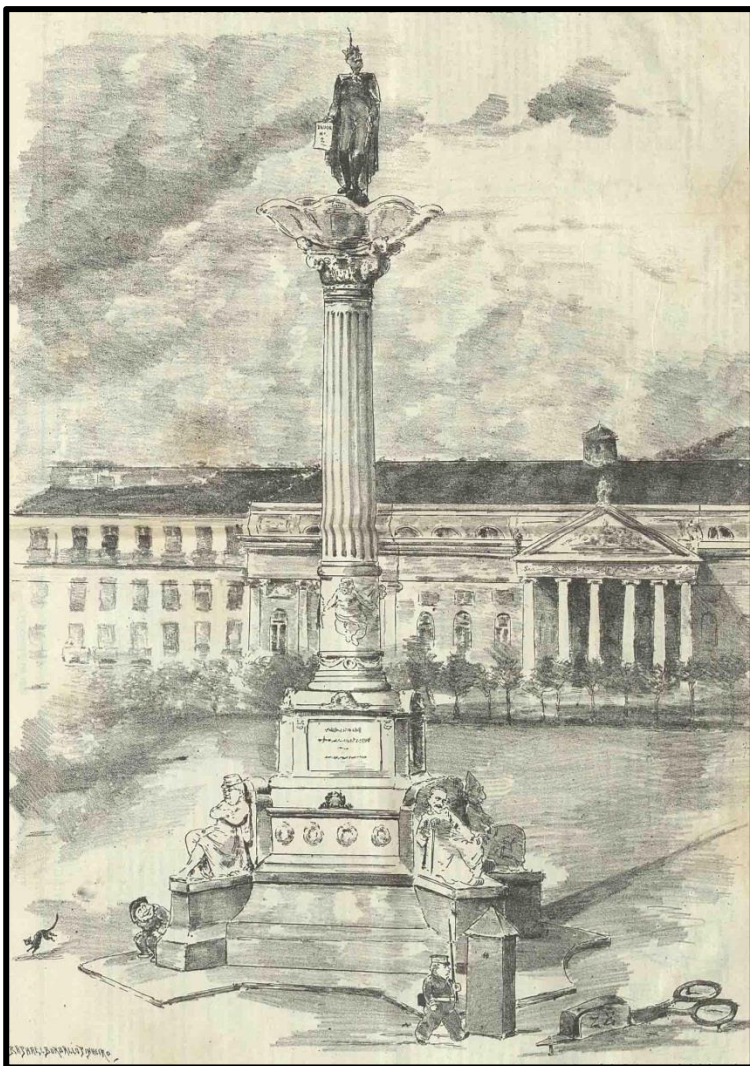


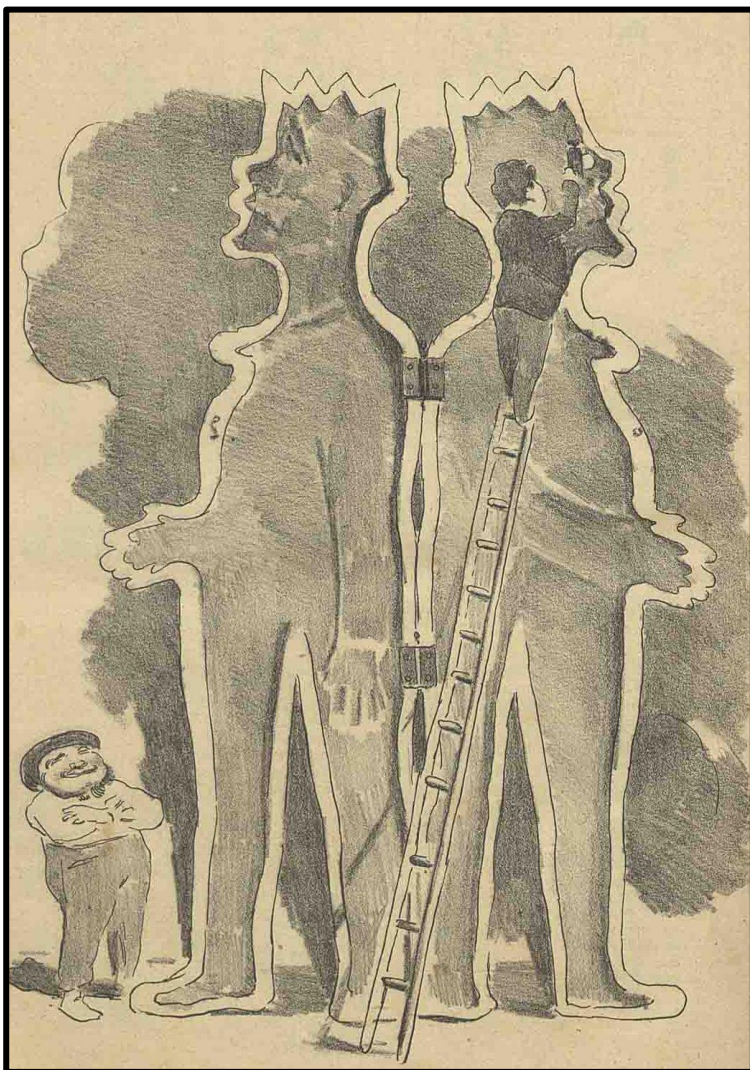
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



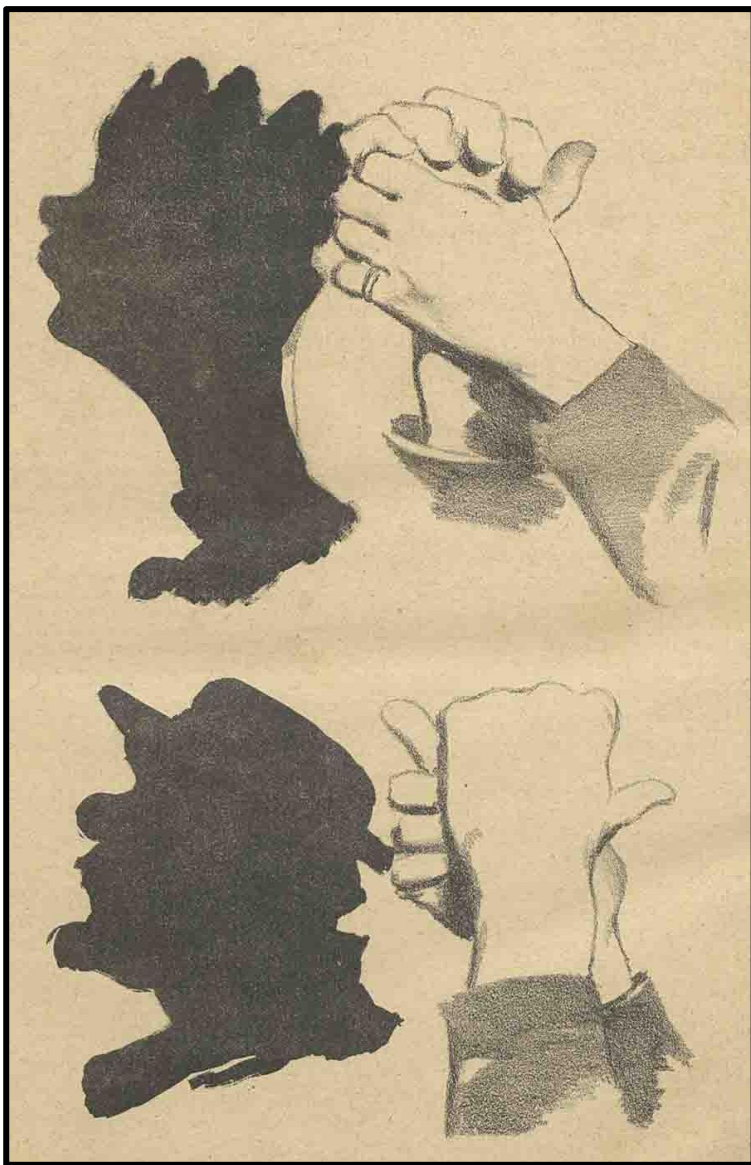
Através de fina ironia, o periódico propunha a ereção de uma estátua ao chefe de governo, apontando para o fracasso das propostas de reforma constitucional: “O Sr. Fontes não reforma a carta; *re-outorga-a*, portanto, demo-lhes o monumento”, ao pé do qual, agachado, aparecia o Zé Povinho (O ANTÔNIO MARIA, 31 jan. 1884). Tal chefe de gabinete aparecia em outra caricatura apenas com a sua silhueta, a qual formava um molde para exploração de minerais, entretanto, sob as vistas do Zé, constatava-se a falta de conteúdo: “Abrimo-lo, como quem abre uma *forma* de madeira, e, depois de o explorarmos, em todos os jazigos, chegamos ao do miolo”, mas “param aqui, por falta de mineral, as nossas investigações” (O ANTÔNIO MARIA, 23 out. 1884). A mesma silhueta voltava a aparecer, junto da do Zé Povinho, e um jogo de sombras promovido a partir de movimento de mãos, tratando-se de fazer “*sombrinhas*”, considerado “um trabalho leve e uma diversão inocentíssima, que está ao alcance de toda gente, contanto que não seja maneta”. O desenho tratava-se assim de um esboço “para ensaiar esse delicioso passatempo dos serões em família”, com elementos que seriam ampliados por meio de “vultos novos logo que a pachorra nos chegue para tanto ou algum colaborador generoso nos remeta em desenho os curiosos resultados do seu trabalho de mãos” (O ANTÔNIO MARIA, 4 dez. 1884). O primeiro ministro aparecia igualmente como uma figura que crescia desmesuradamente, chegando a atrofiar o pescoço do Zé que tinha o trabalho de carregá-lo (PONTOS NOS ii, 18 jun. 1885).

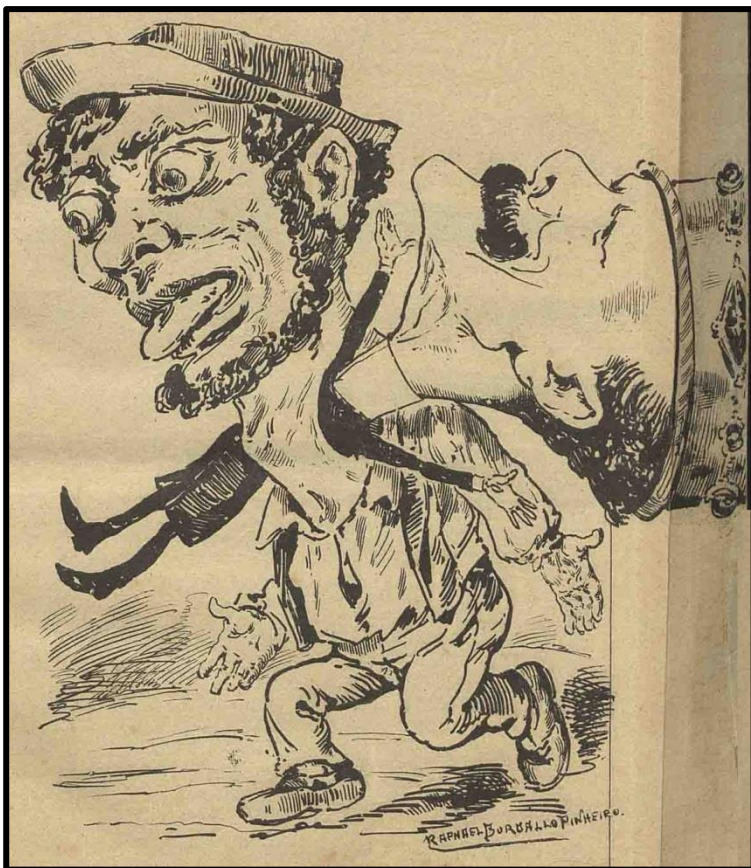
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE





DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRESA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

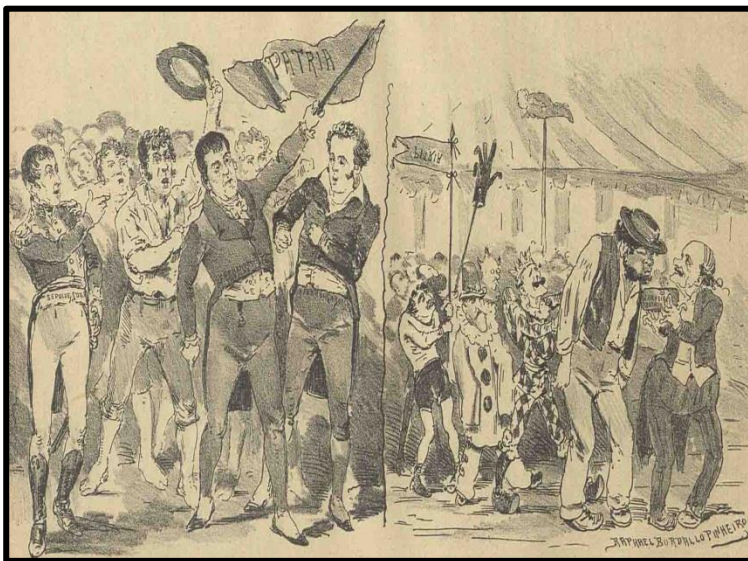


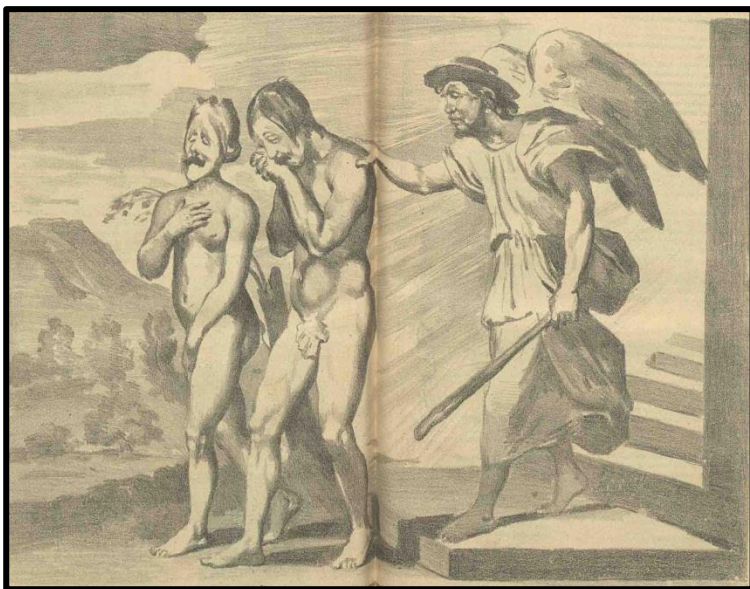


Entre o enaltecimento dos tempos pretéritos e o desencanto com o presente, o hebdomadário humorístico lisbonense demonstrava saudades do movimento popular que, nos anos 1820, dera um passo decisivo para a instalação do modelo liberal no Estado Nacional Luso, ao passo que o Zé Povinho de 1884 deixava-se enganar pelos políticos, perante o que a folha

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

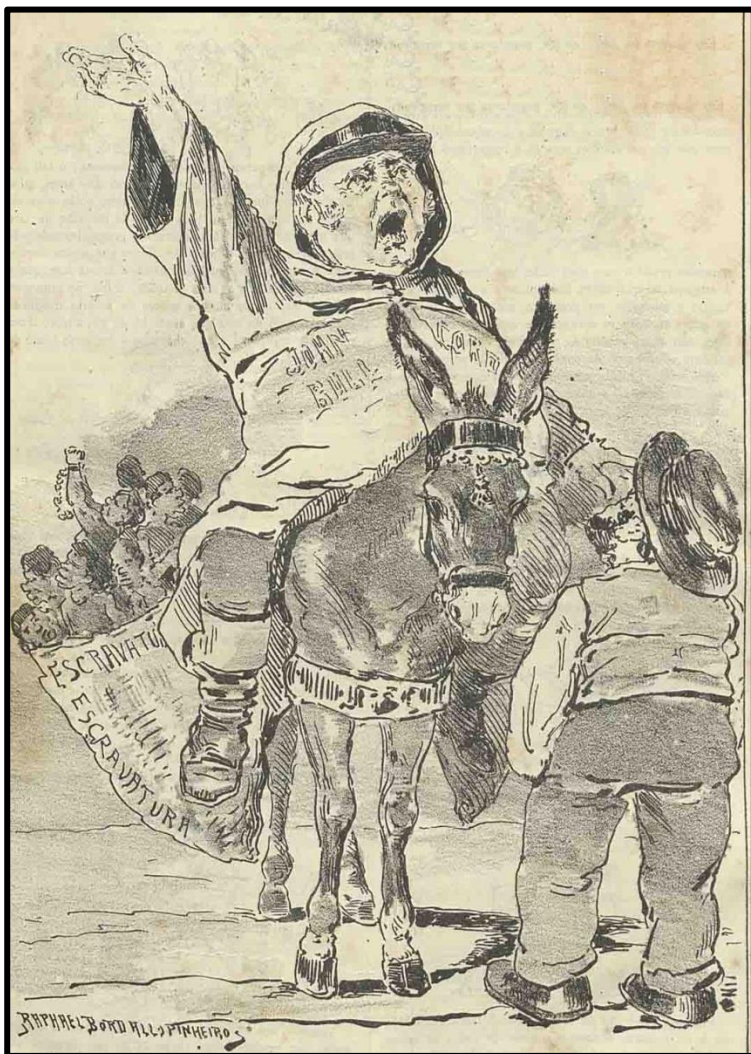
concluía: “Ora aqui está uma ocasião em que desejamos que o povo voltasse atrás!” (O ANTÔNIO MARIA, 26 jun. 1884). A esperança do semanário em uma virada no comportamento do povo luso, colocando-se na oposição ao modelo político vigente, foi demonstrada por meio de desenho, inspirado na pintura de Rafael Sanzio, acerca da expulsão do paraíso, com a mudança de que o anjo de espada à mão era substituído pelo Zé Povo carregando um porrete, e, quanto aos expulsos, ao invés de Adão e Eva, apareciam dois homens públicos portugueses (O ANTÔNIO MARIA, 2 out. 1884).





A política externa também constituiu um tema debatido pelo periódico ilustrado e humorístico com a utilização do personagem que representava o povo português. Nesse aspecto ficava expressa a posição de Portugal como um pequeno reino exposto aos interesses das potências, mormente a Grã-Bretanha, a “secular aliada”, mas cuja aliança era marcada por um profundo pragmatismo, com a preeminência de seus interesses sobre os lusos. As ações imperialistas europeias e as interfaces com a vizinha Espanha eram outras temáticas nas quais havia a participação do Zé Povo. Uma dessas presenças deu-se com o questionamento para com John Bull – representação dos britânicos – a respeito do “restabelecimento da escravatura” em uma de suas colônias, diante o que o Zé cobrava coerência de parte da “Inglaterra que ainda não há muito tempo nos acusava

de consentirmos a escravatura em África” (O ANTÔNIO MARIA, 28 fev. 1884). Um encontro entre o John Bull e o Zé Povinho ocorreu novamente, com a aquiescência do chefe de governo luso, com aquele entregando a este um pequeno cofre que representava um quinhão colonial. No diálogo, o britânico dizia: “Faço-te mercê deste cofre; guarda-o, cuida dele, trata-o, sacode-lhe o pó, livra-o do caruncho, e limpa-o com esmero, mas só por fora...”; ao que o Zé perguntava: “E então a chave?”; obtendo uma resposta esperta e matreira: “A chave vou eu guardá-la no fundo do baú, para quando o quiser *limpar* por dentro...” (O ANTÔNIO MARIA, 13 mar. 1884). O confronto entre Zé Povo e John Bull voltou às páginas de *O Antônio Maria*, ao citar publicação recentemente editada, levando em conta que, “depois da Índia, o Egito entrou na pança enorme e insaciável de John Bull”, em um quadro pelo qual “a curva geratriz dessa pança ultrapantagruélica é uma hipérbole intraduzível por uma equação que faria o desespero dos geômetras”. Perante tal cena, a proposta era a de que o Zé desse “palmadas na pança de John Bull” (O ANTÔNIO MARIA, 25 set. 1884).



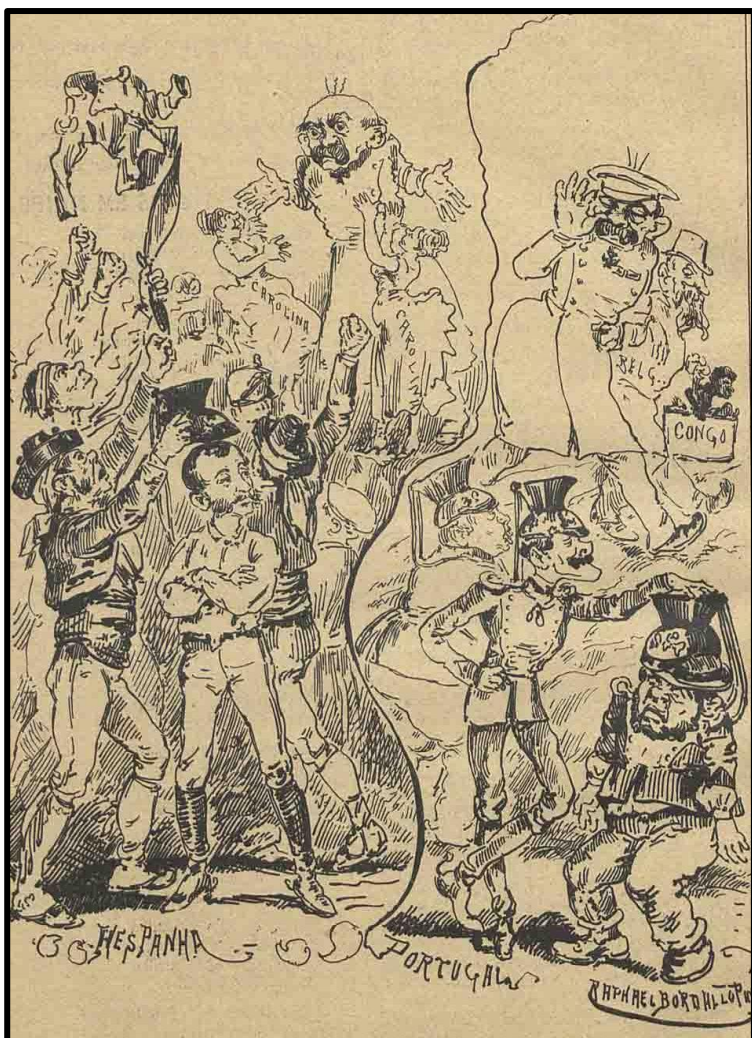
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



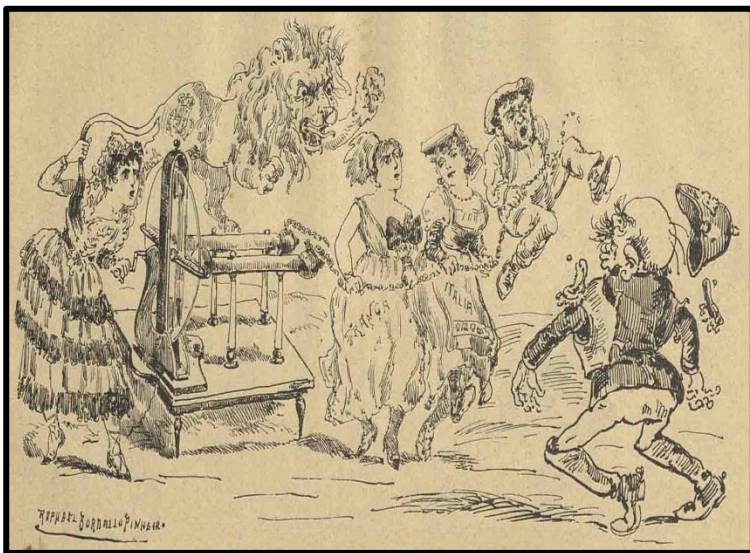
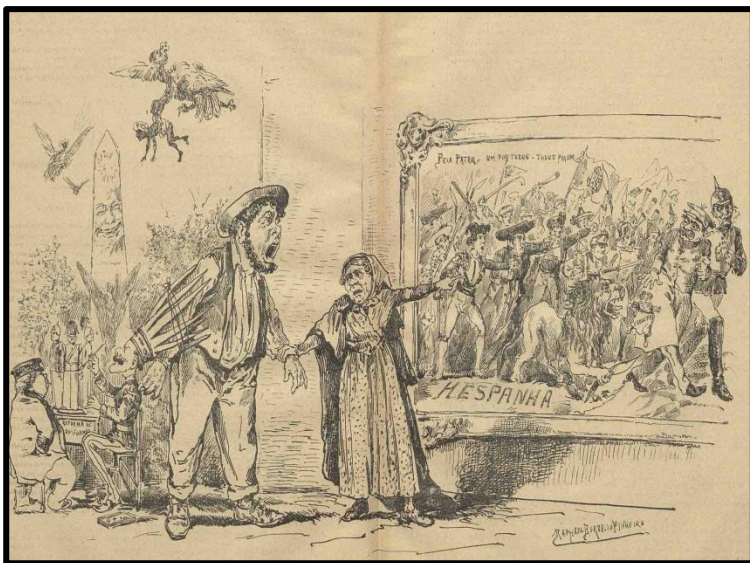


Ainda no campo da política exterior, houve a abordagem da disputa entre Espanha e Alemanha pelas Ilhas Carolinas, no Oceano Pacífico, território que tinha a posse da primeira e a pretensão da segunda. Diante disso, o *Pontos nos ii*, por meio da caricatura intitulada “Contrastes”, elogiou a postura do povo hispânico ao manifestar-se contra a investida germânica, ao passo que, em Portugal, o Zé Povo era contido pelo governo para não mobilizar-se diante do “furto do Congo” (PONTOS NOS ii, 27 ago. 1885). Mantendo por pauta “O

caso das Carolinas”, o periódico trazia a conclamação para que os lusos seguissem o exemplo dos espanhóis, ao que o Zé respondia não fazer nada por estar vinculado à forma de governo reinante, dizendo que por ter “o braço ligado à coroa – não posso ser senhor de mim” (PONTOS NOS ii, 3 set. 1885). A questão das Ilhas no Pacífico era representada também como uma reação de vários países ao imperialismo alemão, inclusive com a participação do Zé Povinho que partia a desferir um chute no primeiro ministro germânico, em cena acompanhada pela constatação de que “o patriotismo espanhol devia ser um choque elétrico comunicado às nações latinas”. O estadista alemão era também apresentado sendo rechaçado pelos hispânicos armados de castanholas e, com o Zé Povo até querendo participar do movimento, entretanto o governante luso lhe negou munição (PONTOS NOS ii, 10 set. 1885). O Zé chegou a aparecer segurando o político germânico pela orelha, demonstrando-lhe os riscos de participar das disputas imperialistas (PONTOS NOS ii,). Especificamente sobre os interesses lusitanos na África, o Zé dizia sentir-se orgulhoso dos “heroicos exploradores que tanto engrandecem o país”, mas também envergonhado pela política governamental, que trazia prejuízos às posses lusas naquele continente (PONTOS NOS ii, 15 out. 1885).



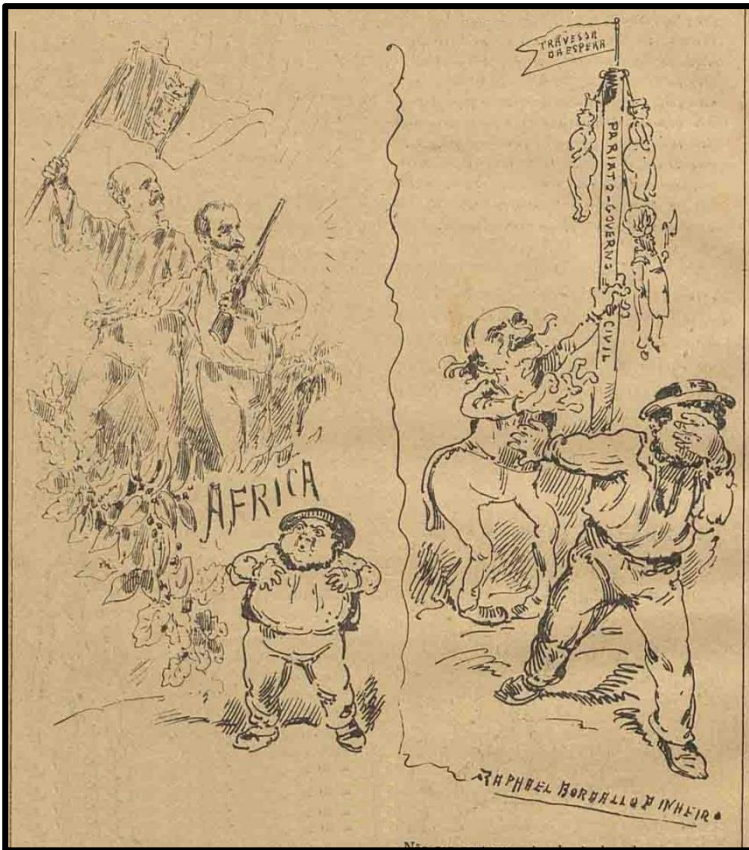
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE





DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

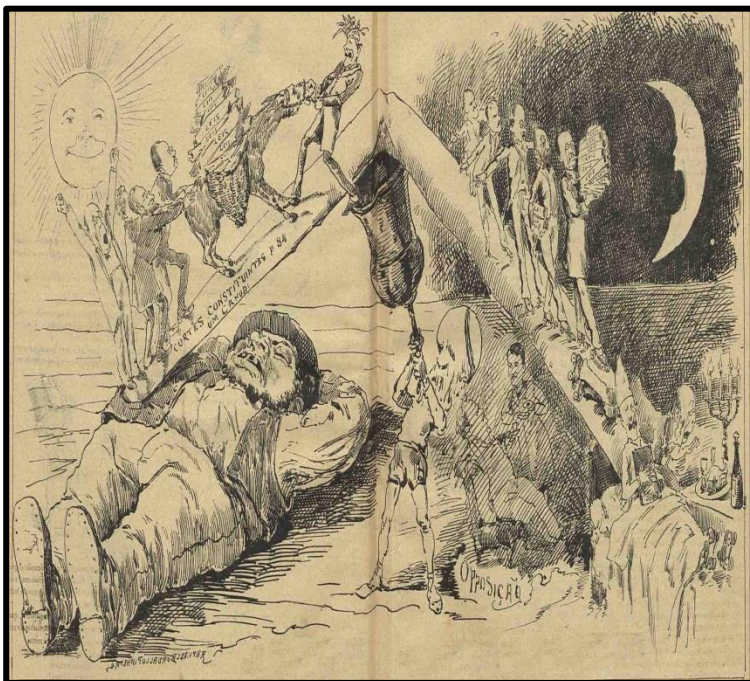


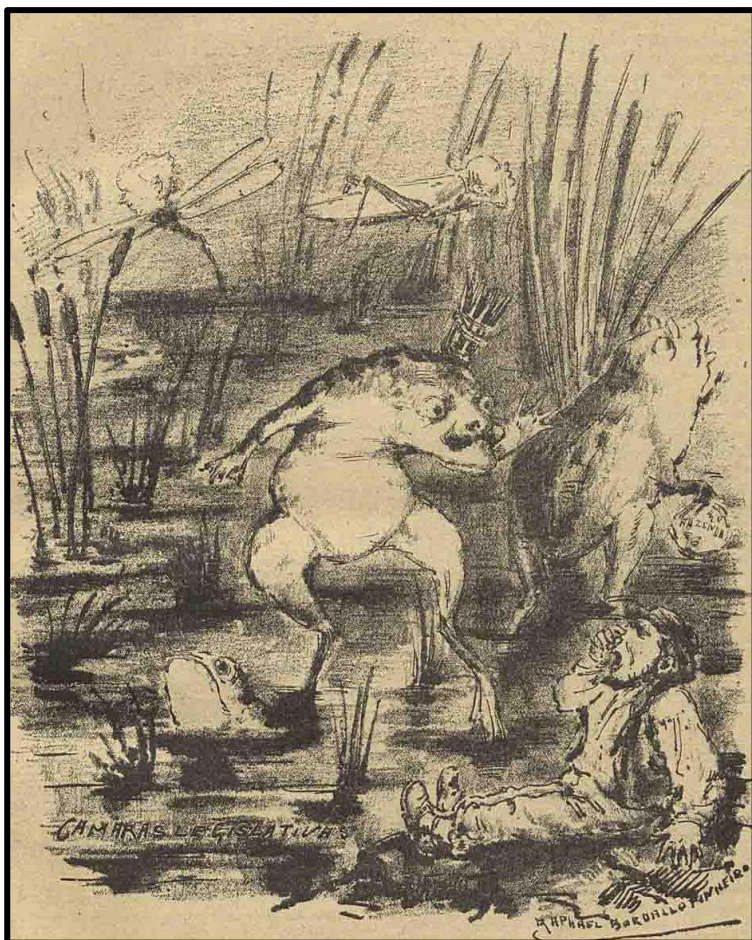


O desgastado sistema bipartidário português, com os constantes enfrentamentos entre regeneradores e progressistas constituía uma das causas do enfraquecimento do reino português. Nessa linha, o hebdomadário lisboeta denunciava a corrupção no parlamento, com os conchavos entre situação e oposição para a aprovação das leis, enquanto o Zé Povo dormia profundamente. A esse respeito, o periódico dizia que

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

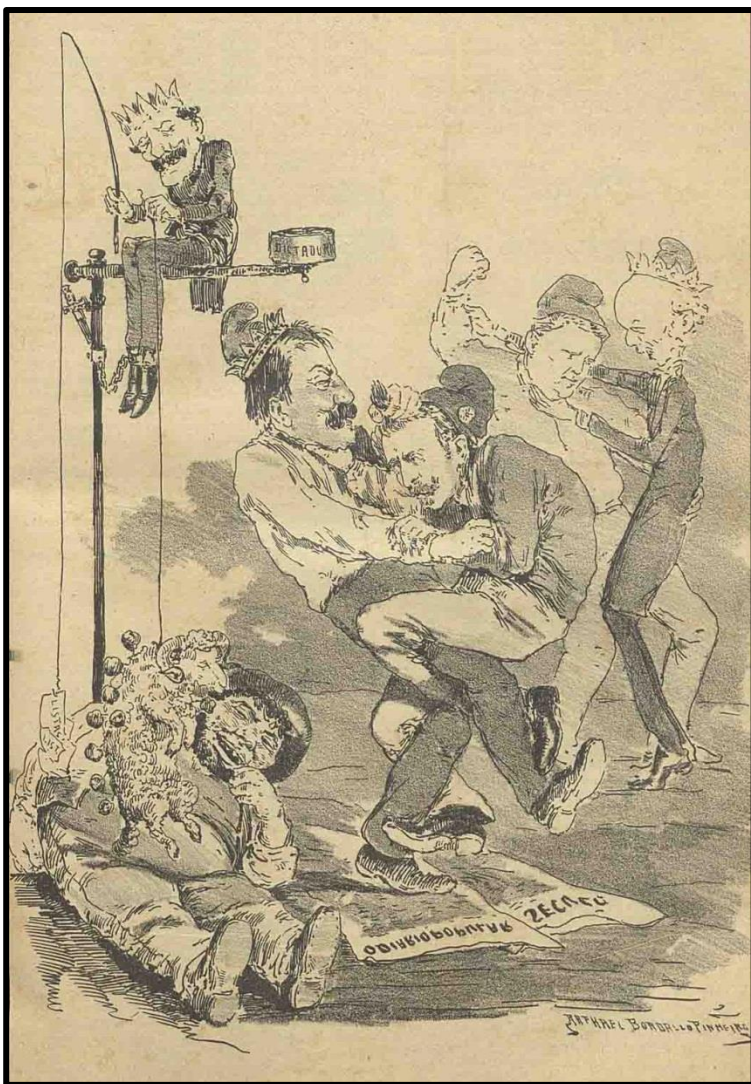
“de dia vai a discussão a passo de burro, porque quanto mais demorada for a viagem, maior será o número das rações diárias”, ao passo que, “de noite dá-se toda a força à máquina, porque primeiro de que as leis, está o chazinho com torradas” (PONTOS NOS ii, 9 jul. 1885). A folha ainda comparava a vida político-partidária nacional a um lamaçal, no qual os políticos eram comparados a sapos e gafanhotos, aparecendo o Zé a tapar o nariz, para evitar “os miasmas do pântano”, dos quais saíam os insetos, “a descansar dos estragos feitos na seara” (PONTOS NOS ii, 16 jul. 1885).



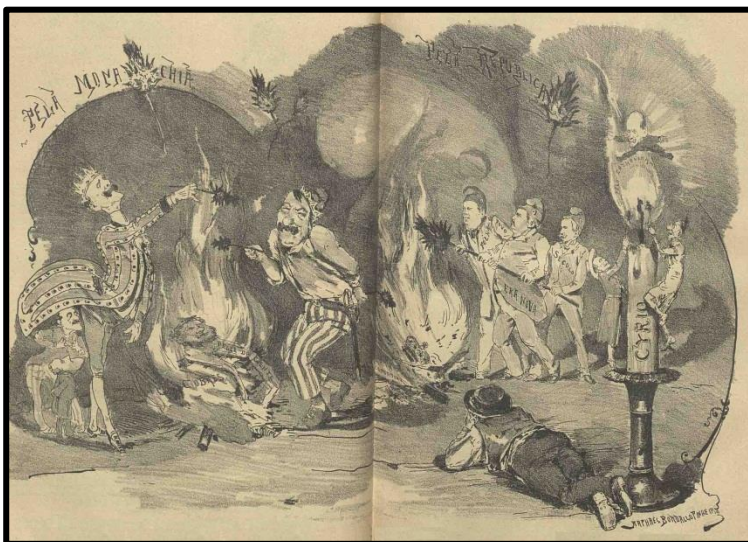
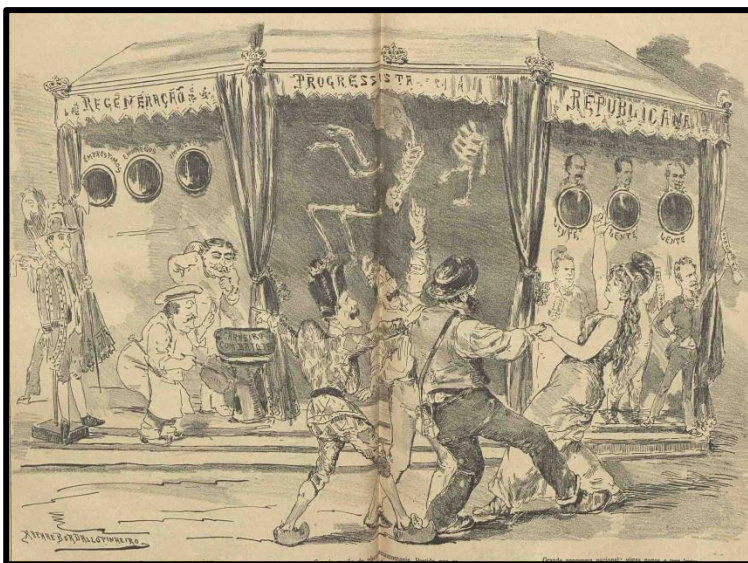


Além das disputas entre progressistas e regeneradores, os republicanos também atuavam no cenário político-partidário lusitano. Bordalo Pinheiro, que militava em apoio ao ideário antimonárquico, aplaudia o republicanismo, mas, quando julgava necessário, não deixava de também realizar censuras em

relação ao movimento. Nesse sentido, *O Antônio Maria* criticou o que considerava como um desnecessário desgaste dos republicanos em seus tradicionais debates políticos com os monárquicos, o que só serviria para abrir espaço ao chefe de governo para dominar o povo, oferecendo-lhe o básico para sua alimentação, com um prato elaborado a partir do carneiro. A cena era explicada pelo periódico: “Enquanto os dois brigam, cai o Zé Povinho... nas unhas do Fontes” (O ANTÔNIO MARIA, 12 jun. 1884). O quadro da oferta do “carneiro com batatas”, ou seja, a alimentação como forma primária de controle do povo, atribuída em geral aos políticos monarquistas, o semanário caricato buscava demonstrar que tal prática não seria utilizada pelos republicanos, que prefeririam abordar um “grande panorama nacional”, com “vistas novas”, não oferecendo “batatas, nem com carneiro, nem no programa”. A ideia do antimonarquismo ficava também expressa pela presença da dama do barrete frígio – que simbolizava tal ideário – a qual participava da confraternização com o povo (O ANTÔNIO MARIA, 19 jun. 1884). As propaladas diferenças entre monarquistas e republicanos ficavam também expressas em ilustração que abordava o período das festas juninas, características por suas fogueiras, nas quais os primeiros teriam mais recursos em relação aos outros, embora estes tivessem mais apego aos seus ideais, em um quadro pelo qual o Zé Povo limitava-se a, deitado ao chão, assistir passivamente ao cenário (O ANTÔNIO MARIA, 26 jun. 1884).

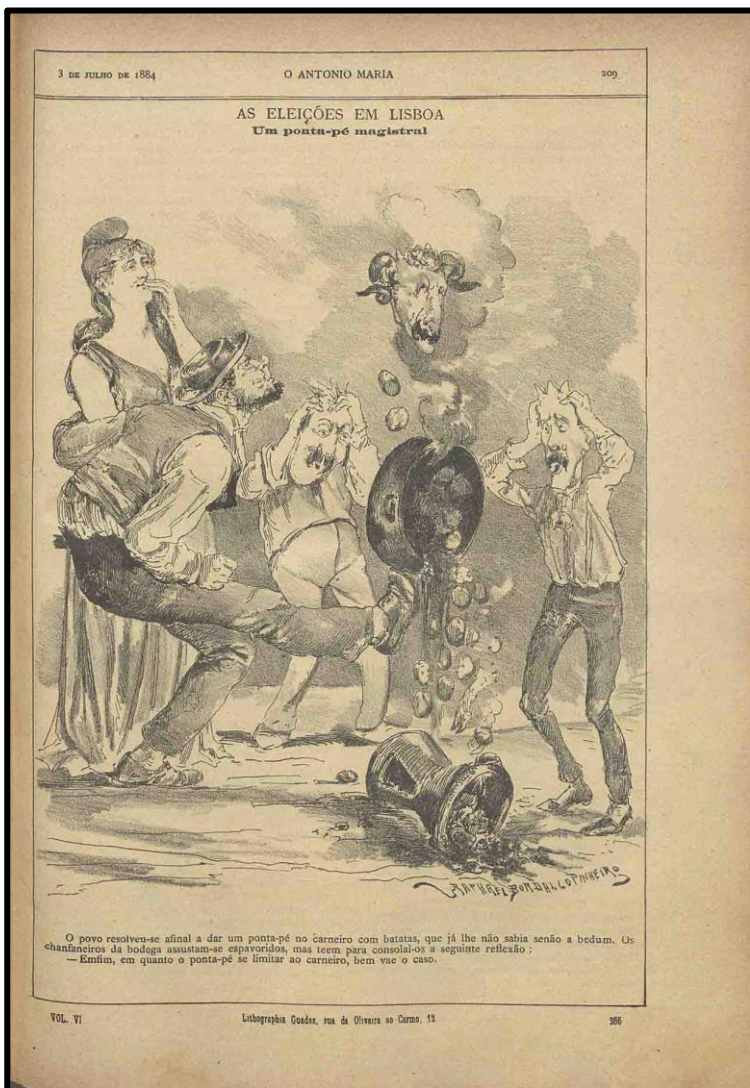


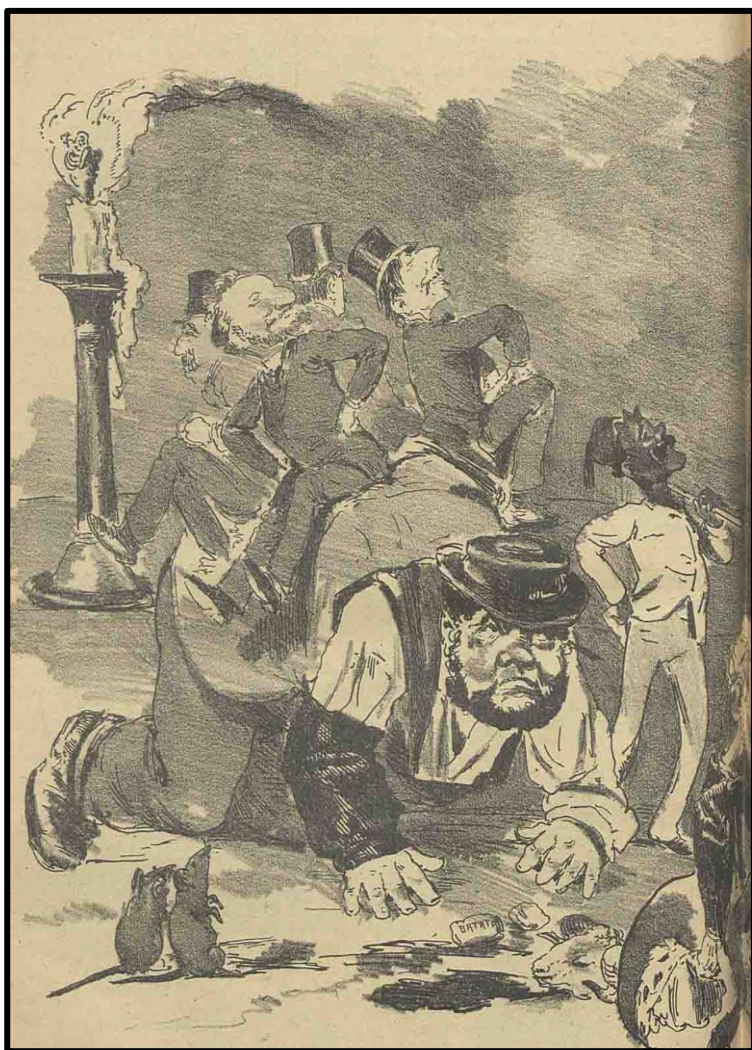
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



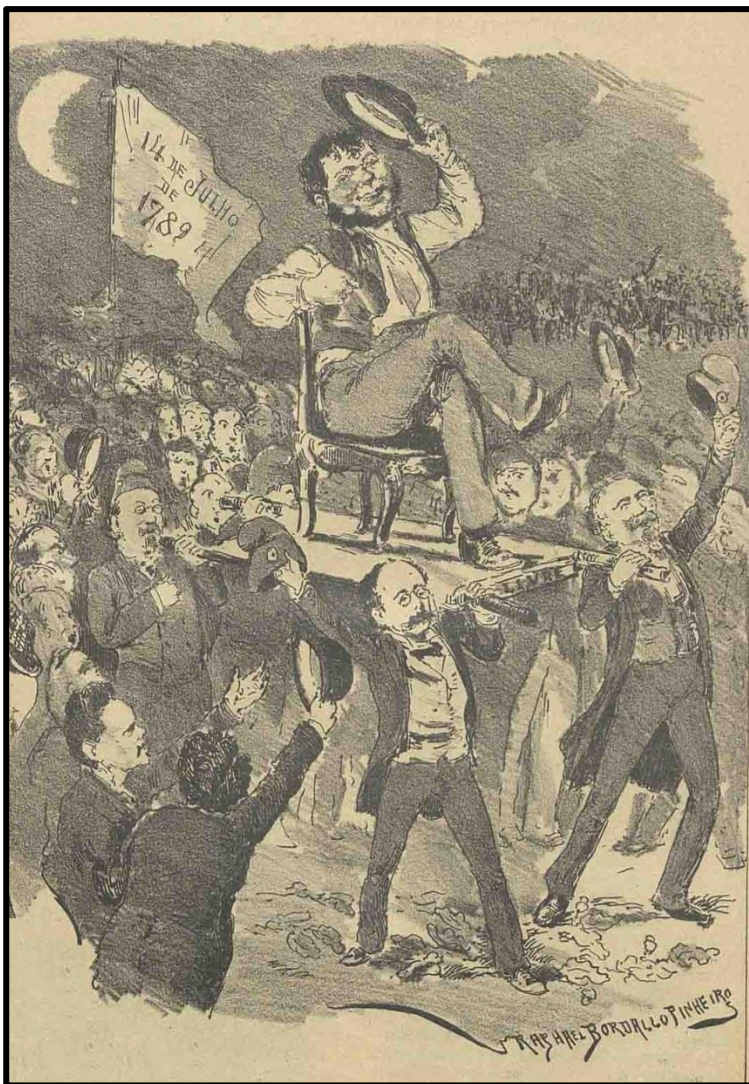
A questão do republicanismo voltava à baila, desta vez com o Zé Povo dando um “pontapé magistral” no tradicional prato que representava a sua submissão aos interesses eleitoreiros – o carneiro com batatas –, para admiração da dama do barrete frígio e espanto dos políticos monarquistas, mas que ao menos ficavam aliviados que o chute tivesse se direcionado ao alimento e não diretamente a eles mesmos (O ANTÔNIO MARIA, 3 jul. 1884). O entusiasmo para com a defesa da mudança da forma de governo retornou por ocasião das comemorações de mais um aniversário da Revolução Francesa, com a construção de duas cenas. Na primeira, em ação realizada pelos monárquicos, o Zé Povinho aparecia arrastando-se ao chão, com os políticos sentados sobre ele, desenho acompanhado pela consideração de que a adesão fora pífia: “Estes exibiram quatro pais da pátria e apareceram ao beija-mão apenas cem pessoas!”; além disso, o periódico imaginava uma retomada de postura, ao dizer que: “É que o povinho vai começando a sentir o peso e ai deles se se lembra de sacudir a espinha”. Já a segunda trazia a solenidade organizada pelos republicanos, que, com seus barretes frígios, carregavam o povo em um andor, em sinal de valorização deste, em atividade na qual teriam participado “cerca de sete mil pessoas”, em uma circunstância que “o povinho vai principiando a gostar de andar no colo” (O ANTÔNIO MARIA, 17 jul. 1884).

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



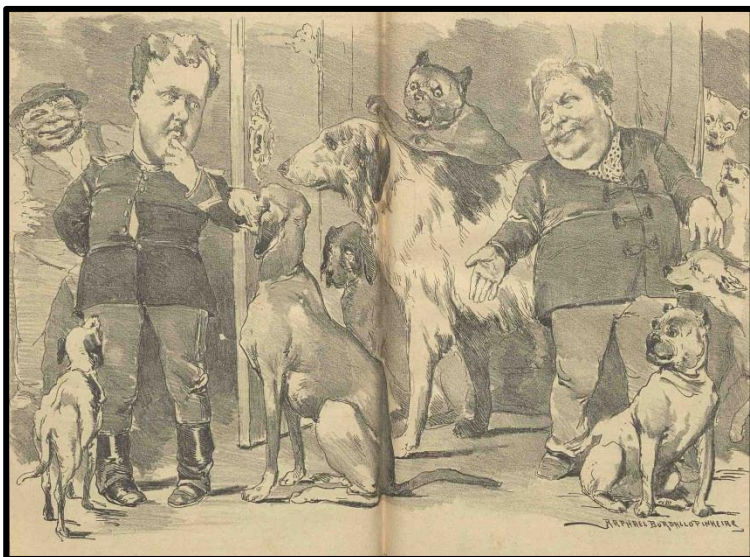


DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



O desprezo para com o regime monárquico foi demarcado pela caricatura "Um morgado feliz", na qual,

sob o olhar zombeteiro do Zé Povo, o rei D. Luís demarcava a maioridade do filho D. Carlos. O periódico apontava que “sua alteza, o capitão presunto, completando a maioridade, tomou conta como lhe cumpria, do seu morgado”; mas “qual seria o real espanto de sua alteza quando, ao inventariar os bens do vínculo, reparou que todo o morgado se resumia numa simples casa de *cães*” (O ANTÔNIO MARIA, 9 out. 1884). O *Pontos nos ii* chegou a imaginar o momento em que um indeciso Zé Povinho, com ar confuso e dedo ao nariz, tivesse de realizar uma “escolha” entre a dama do barrete frígido, em alusão à república e as tantas adesões que viria recebendo, e a habitual política monárquica, com o chefe de gabinete oferecendo-lhe o tradicional carneiro com batatas e tecendo uma série de promessas consideradas vãs (PONTOS NOS ii, 10 dez. 1885).



DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



Dessa maneira as criações caricaturais em torno do Zé Povo expressas em *O Antônio Maria* e no *Pontos nos ii*, no momento da transição entre um e outro título, entre 1884 e 1885, aqui abordadas como uma amostragem na forma de estudo de caso, demarcam significativa parte das características atribuídas ao personagem ao longo de sua perene existência. O criador da figura representativa do povo luso ideou uma personalidade que serviria para designar alguns dos elementos constitutivos atribuídos à população portuguesa, mormente no que tange às suas interações com os governantes, em geral articuladas por inter-relações de submissão. Por um lado foi estabelecida a imagem de um Zé bronco, mais preocupado em encher a barriga do que em pensar sobre novos rumos, no sentido

de despertar entre os lusos uma reação para com tais estereótipos, notadamente através de uma tomada de consciência em busca da mudança dos horizontes nacionais. De outro, foi idealizado um personagem que tomasse para si os destinos do país, buscando mudanças, ainda mais quanto à forma de governo. Como republicano, Bordalo Pinheiro trouxe tal ideário em seus periódicos, de maneira que intentou construir um Zé Povinho que, em algum momento, viesse a também defender os ideais antimonárquicos, ambicionando por meio da república um regime que deveria ser mais democrático e que desse maiores oportunidades para que a população em geral viesse a conquistar a cidadania.

O Zé Povo nos periódicos caricatos sul-rio-grandenses

Dentre as unidades administrativas brasileiras à época imperial e nos primeiros tempos republicanos, o Rio Grande do Sul desenvolveu tradição na edição de periódicos ilustrados e humorísticos voltados à divulgação da arte caricatural. Entre suas principais cidades estiveram Porto Alegre, a sede administrativa e Rio Grande, o entreposto comercial, que desenvolveram uma notória atividade jornalística a qual, ao longo do século XIX, passou por uma evolução quantitativa e qualitativa considerável, chegando a haver um processo de especialização, com a circulação de gêneros variados, dentre eles o da imprensa caricata. Vários foram os títulos publicados desses semanários, mantendo o tom crítico, humorístico e satírico em suas construções imagéticas e textuais e, dentre suas representações, esteve presente a figura do Zé Povo. Tais inserções deram-se mais especificamente nas páginas dos porto-alegrenses *Fígaro* e *O Século* e do rio-grandino *Bisturi*.

O *Fígaro* constituiu uma publicação ilustrada e humorística editada em Porto Alegre de 1878 até meados do ano seguinte. Foi impresso primeiramente na tipografia do *Deutsche Zeitung*, depois nas oficinas do *Mercantil* e finalmente nos tabuleiros da *Reforma*. Sua assinatura custava 16\$000 por ano, 9\$000 por semestre e 5\$000, por trimestre, já o número avulso era vendido a 500 réis. O artista responsável por seus desenhos era

Cândido de Faria, que já atuara na imprensa caricata da Corte. Tal periódico contou com a colaboração de escritores como Múcio Teixeira, Damasceno Vieira e Dionísio Monteiro²¹.

Seu título alude à figura do barbeiro, personagem teatral e operístico, além de ser o nome de um longo jornal francês. Na sua primeira página da edição original, aparecia o bufão, com a viola a tiracolo e o lápis à mão, pronto para esquadrinhar as caricaturas. Em versinhos, reiterando o título estampado no frontispício, o personagem afirmava: “Eu venho respeitoso, alguma coisa tímido/ Pedir a proteção do povo hospitaleiro,/ Navalhas e pincéis, escovas e cosméticos/ Há tudo, e muito bom, em casa do barbeiro”. Na primeira edição aparecia ainda o programa do semanário, também estampado na forma de versos, aludindo aos vários instrumentos de trabalho do barbeiro que, figurativamente, seriam utilizados a serviço da caricatura, notadamente a navalha que, afiada, em muito serviria para a realização da crítica (O FÍGARO, 6 out. 1878):

Fígaro, gentil barbeiro
Que Rossini e Beaumarchais
Tornaram tão conhecido
Vem hoje, tal como é,
Com donaire prazenteiro,
Oferecer os seus serviços
Ao povo porto-alegrense.
Porém ninguém ai pense

²¹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 62-76

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

Que, além de suas navalhas,
Ele use daquelas malhas
Com que prendia Rosina,
A pupila peregrina
Do mais casmurro tutor.
Nada disso, não, senhor:
O que pode asseverar
É que há de barbear
A todos com muito jeito
(Como hoje está aceito
No mundo civilizado).
Sabonete parfumé
Veloutine Charles Fay,
O freguês ensaboado,
Não sentirá nada o fio
Do seu ferrinho amolado.
E quando a mão, mais pesada
Esfole um pouco o freguês,
Em lugar do *cold creme*,
Faz na viola um arpejo,
E doce como um bafejo
Neutraliza-lhe o revés.
Mas, deixemos para o lado,
O sentido figurado.

Como vedes, leitor, este jornal
É crítico, humorístico e ilustrado,
Quer bem aceito ser, não odiado,
Nesta nossa formosa capital.

A vida íntima – o viver do lar –
Há de ser nele sempre respeitada,
E na crítica usará da alfinetada
Que não possa ferir nem machucar.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Pretende fazer rir, nunca doer,
Fígaro o diz, o assegura,
Tende nele fé; haveis de ver.

Eis o programa; é verdade pura,
Para o cumprir há pouco que fazer;
Concorra cada qual com a assinatura.

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



O *Século* foi outra revista ilustrado-humorística editada em Porto Alegre, entre 1880 e 1893, sob a direção de Miguel de Werna e Bilstein, o qual levou sua inspiração monarquista e conservadora à redação do

periódico, hostilizando duramente os liberais e os republicanos²². Em sua primeira edição, o redator afirmava que o periódico, sem títulos que o recomendassem, mas aspirando a nobres e elevados fins, pretendia enfrentar os obstáculos que se antepusessem à sua trilha. Dirigindo-se “ao público”, a redação dizia que *O Século* não teria um programa definido, vindo a tratar de todos os assuntos com imparcialidade e critério, proporcionando aos seus favorecedores uma leitura variada e útil, circunscrita aos limites da boa moral. Além disso, declarava ter fé no porvir, esperando assegurar o seu posto no jornalismo provincial (*O SÉCULO*, 11 nov. 1880). Desde então, tal semanário obteve grande receptividade pública²³.

A folha teve por base as tiradas chistosas, por vezes associadas ao escárnio e à crítica profunda, levando bem longe suas cutiladas, ao associar textos e imagens. *O Século* esteve entre os mais longevos e, dentre os caricatos, foi o de maior tiragem e circulação da província e muito de seu êxito esteve ligado ao olhar ferino que lançava sobre a sociedade. Sua melhor fase estendeu-se desde a fundação até 1884, pois, depois disso, ainda teria vários anos de vida, mas apenas como folha literária, crítica e noticiosa, ou seja, sem o apreciado e indispensável complemento da charge²⁴. A crítica social e de costumes foi um das bases do

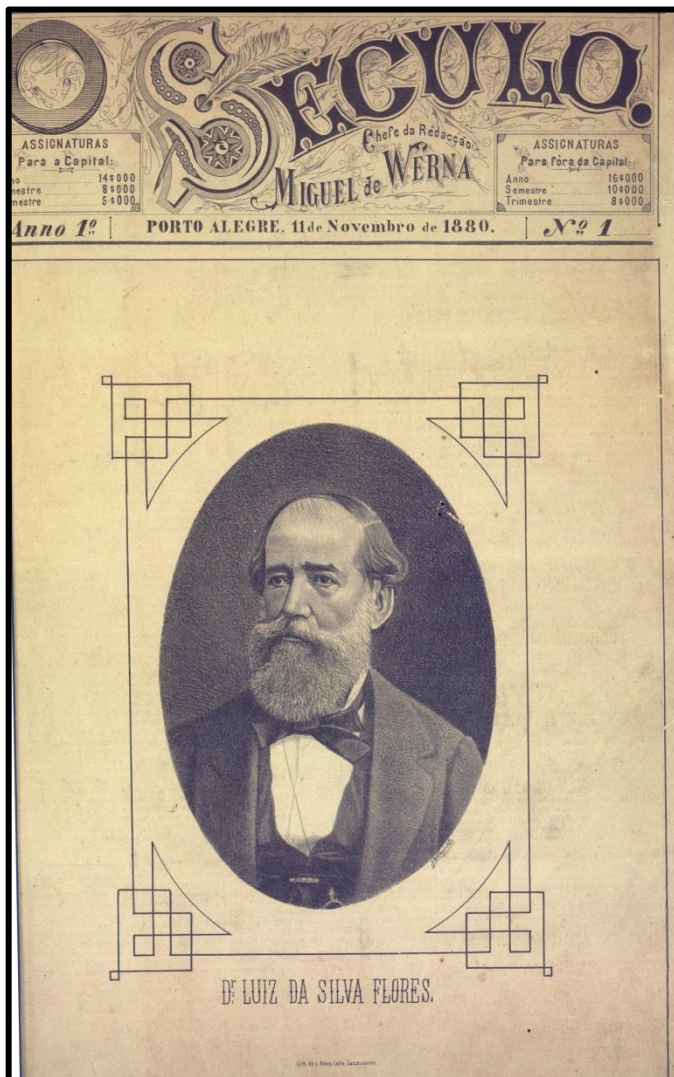
²² FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. p. 192.

²³ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 41.

²⁴ FERREIRA, 1962, p. 90-125.

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

hebdomadário, principalmente em suas seções
anedóticas e nas páginas dedicadas às caricaturas.

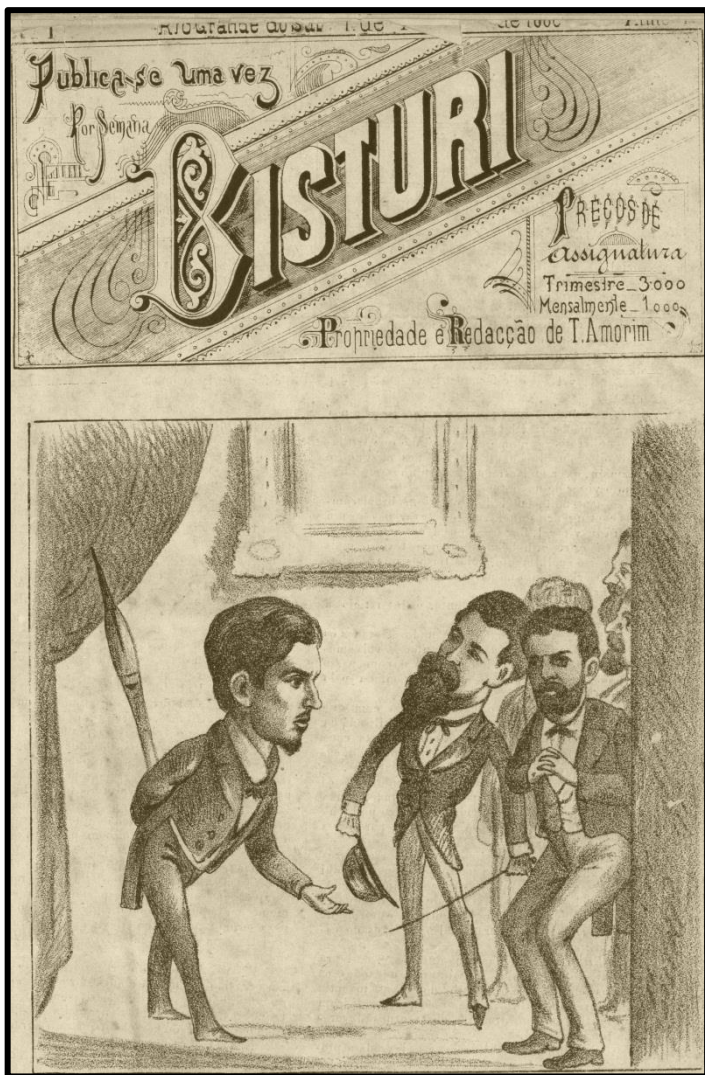


Um dos mais importantes jornais caricatos no contexto sul-rio-grandense, o *Bisturi* circulou de modo regular entre 1888 e 1893, mas sua existência se prolongou, com edições esporádicas e vários períodos de publicação suspensa até meados da década de 1910. Tal semanário acompanhou *pari passu* algumas das transformações fundamentais da sociedade brasileira, como a abolição da escravatura e a proclamação da república. Praticou a crítica social e a de costumes, mas sua especialidade foi a de natureza política, observando sob o prisma caricatural e censório a vida político-partidária e ideológica nacional, regional e local²⁵.

No primeiro número, o próprio redator-proprietário, Thadio Alves de Amorim, um dos mais ativos caricaturistas gaúchos, apresentava o novo hebdomadário aos demais jornalistas citadinos, afirmando que chegava novamente na estacada do jornalismo, no meio deste labor contínuo dos obreiros do progresso. Esclarecia que o periódico seria crítico, mas que não se arredaria um só momento dos foros da imprensa honesta, usando uma crítica benévola e bem intencionada, e não da crítica mordaz. O humorístico pretendia manter-se no labor da imprensa, o qual constituía o alvo de suas aspirações no meio do burburinho da vida social. Buscava apresentar-se ante a população civilizada da nobre cidade do Rio Grande, a partir da manifesta confiança de que a sua visita não seria repudiada, pois visava a tornar-se agradável, já nas seções de desenhos, já na redação (BISTURI, 1º abr. 1888).

²⁵ ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 219-243.

A redação do *Bisturi* afiançava ainda que guardaria os princípios determinados pela urbanidade, ainda quando fosse mister ser um pouco pungente na luta de coerção aos desvios que por vezes envergonhavam. No intento de diferenciar-se dos pasquins, expressava a ideia de não vir a constituir um periódico que servisse de tuba aos rancores individuais, ocupando-se exclusivamente de três ou quatro personalidades, com linguagem chã e torpe. Prometia empenhar-se na extirpação da lepra social dos escândalos, da calúnia, de todos os vícios, enfim, sem que se lhe notassem as invectivas livres e as alusões imorais que desedificam na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social, de modo que assim lavrava a profissão solene de sua fé jornalística (BISTURI, 1º abr. 1888).



Nas páginas do *Figaro* houve algumas inserções da figura do Zé Povinho. Uma delas deu-se em meio a

um conjunto caricatural que traçava crítica política, social e de costumes, abordando temas diversificados como as relações aristocráticas, os namoros e a limpeza das ruas. Em meio aos desenhos aparecia um Zé Povo, rindo debochadamente ao ler uma missiva, tratando-se de uma crítica ao próprio imperador, pois o personagem estaria procedendo à leitura das “cartas do Sr. D. Pedro”, encontrando erros nas mesmas e passando a comentar em tom jocoso e crítico: “Que sábio! Fala o hebraico e não sabe o português! Assim também eu sou sábio” (FÍGARO, 12 jan. 1879). Em outro conjunto de desenhos que se concentrava em censurar os ásperezos debates entre representantes da imprensa gaúcha, além da prática entre os mesmos do jornalismo de cola e tesoura, ou seja, carregado de transcrições de outros periódicos, aparecia mais uma vez o Zé, novamente a chacotear, nesse caso em relação a um jornal que se dizia independente, o que era colocado em dúvida pela representação do povo, que se limitava a glosar laconicamente: “Eu gosto de ver estas independências...” (FÍGARO, 16 mar. 1879). Em uma página inusitada, a redação do *Fígaro* se propunha a não deixar transparecer os desenhos da mesma, espalhando tinta preta sobre os mesmos, ficando mais nítidos apenas dois deles, um dos quais era o próprio Zé Povinho, mais uma vez sorridente. Em nota, o redator explicava: “A pedido dos amigos inutilizamos esta página e não voltamos a tratar do assunto” (FÍGARO, 23 mar. 1879).



DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE





DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



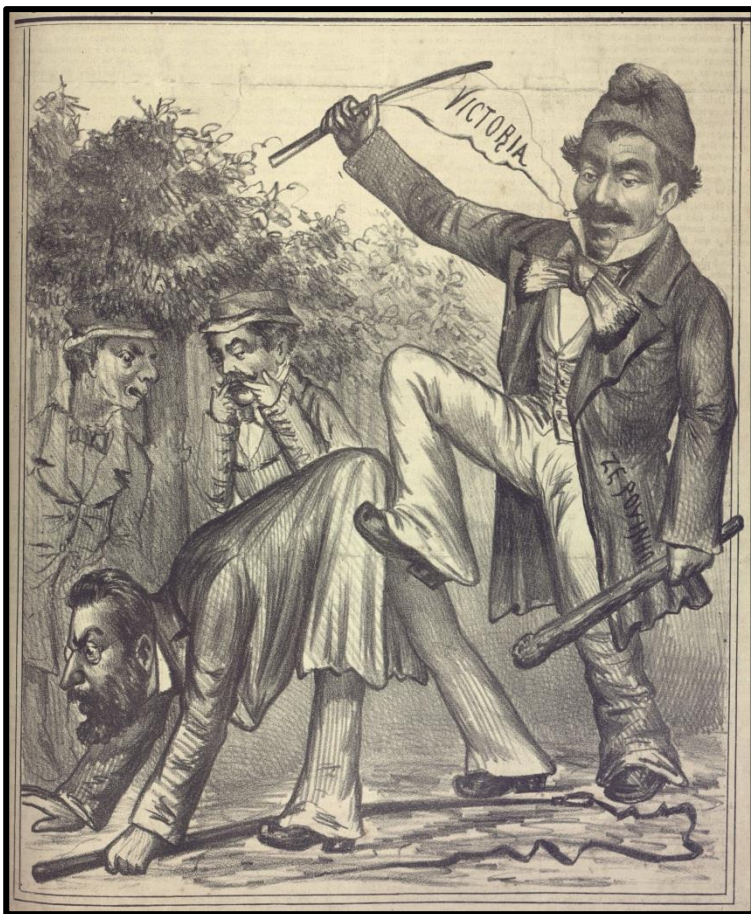
- detalhe -

Nas páginas de *O Século*, as presenças do Zé Povo foram bastante recorrentes. Uma delas ocorreu em época de processo eleitoral, na qual comumente os periódicos caricatos mostravam que o povo era, em geral, melhor tratado pelos políticos, tendo em vista o interesse no

voto. Na ilustração cômica, o Zé trocava suas vestes simples habituais e encontrava-se trajado a rigor, com indumentária de luxo, levando em suas mãos uma cadeira, a qual se referia a uma vaga para a Câmara dos Deputados. Em busca do assento os candidatos atiravam-se avidamente, alguns deles inclusive na condição de bonecos de mola, em relação às idas e voltas de ideias, aludindo à falta de definições ideológicas. Diante do quadro, a redação do periódico alertava: “Oh Zé! Vê lá como te portas amanhã, que é o teu dia. Entrega essa cobiçada cadeira a quem quiseses, menos aos autômatos de canastra” (O SÉCULO, 30 out. 1881). Levando em conta o resultado das urnas, o Zé voltou à primeira página do periódico porto-alegrense, mantendo as vestes domingueiras, mas trocando a cartola pelo barrete frígio – no caso tendo por simbologia a liberdade – e tendo em uma das mãos a flâmula da vitória e na outra um porrete, com o qual pretendia atingir um político liberal, o qual já era chutado ao cair no chão. O hebdomadário encontrava-se satisfeito com o voto popular que teria trazido uma derrota liberal, tanto que afirmava que “O Zé Povinho desta feita portou-se como um herói!”, pois “repeliu briosamente as ameaças do Rei Vergalho e lhe pespegou um tão certo pontapé na *dignidade*, que o atirou de ventas na lama. Viva o Zé! Viva!! Hurra!!!” (O SÉCULO, 6 nov. 1881).

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



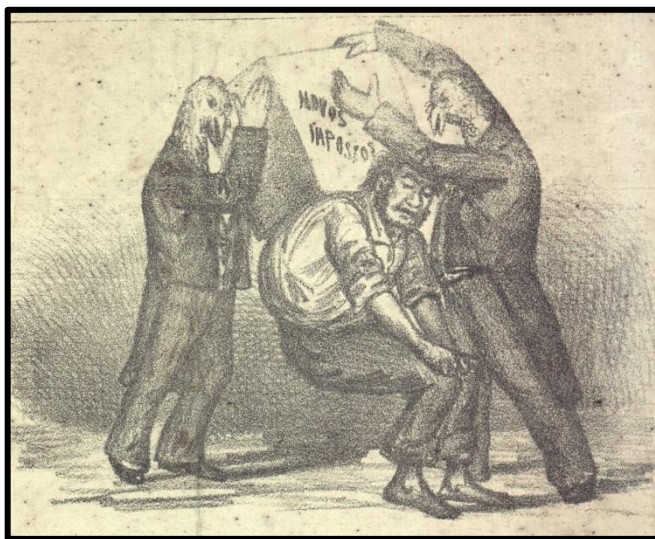
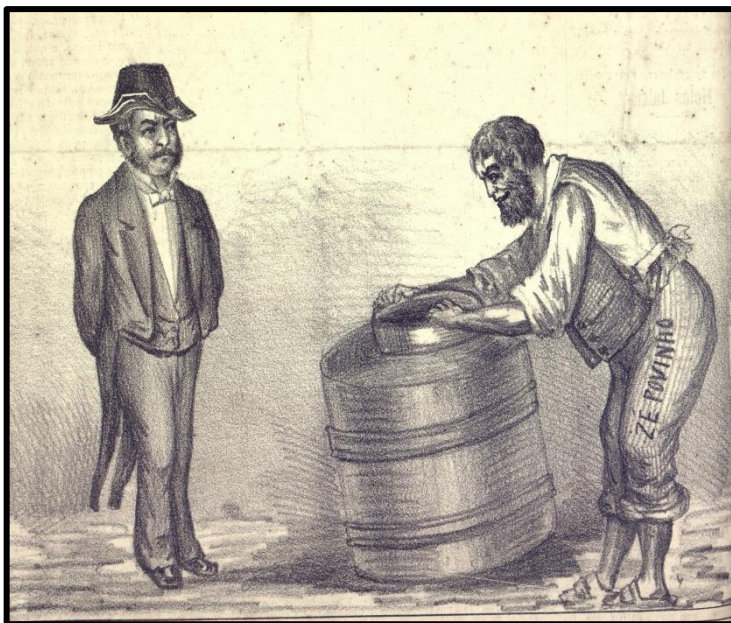


Outra presença do Zé Povo ocorreu por ocasião de um incêndio, a respeito do qual o personagem, com ironia e deboche, colocou como suspeita a causa que deu origem ao sinistro (O SÉCULO, 5 mar. 1882). O Zé aparecia também a cobrar de um representante da edilidade maior eficiência na fiscalização do comércio de leite, o qual estava sendo vendido na condição de “pura

água” (O SÉCULO, 14 maio 1882). Na prática da crítica política, o periódico porto-alegrense representava os políticos como perus, que devoraram o prato do “subsídio”, com a afirmação “a peruada, depois de passar muito tempo em santo ócio, a engolir o *milho* da província, apresenta-se agora de papo cheio”, mas para, garantir seus ganhos, geravam maiores despesas, as quais recaíam sobre as costas da população, com a constatação de que assim estavam “sobrecarregando ainda mais de pesados impostos o pobre Zé Povinho” (O SÉCULO, 21 maio 1882). Com a personificação dos integrantes do partido liberal na figura de seu líder, o semanário mostrava que tais políticos tratavam bem o símbolo do povo na época de processos eleitorais, chegando a servir-lhe um banquete, mas, passado o momento de frequentar as urnas, o tratamento destinado ao Zé Povo era o da porretada (O SÉCULO, 25 jun. 1882).



DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE





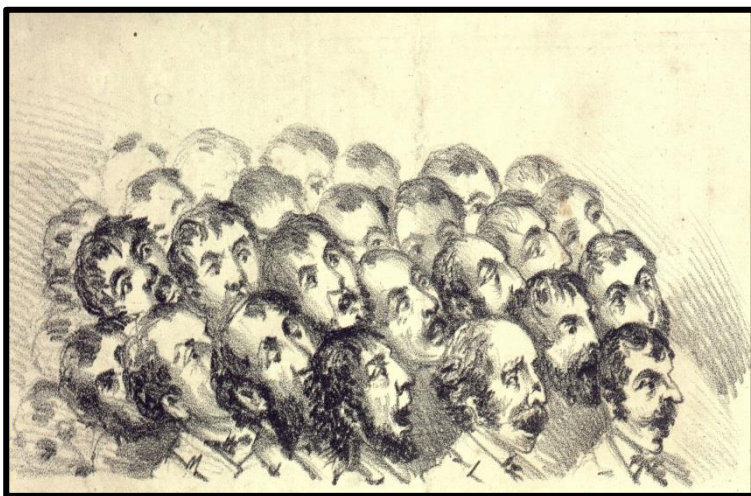
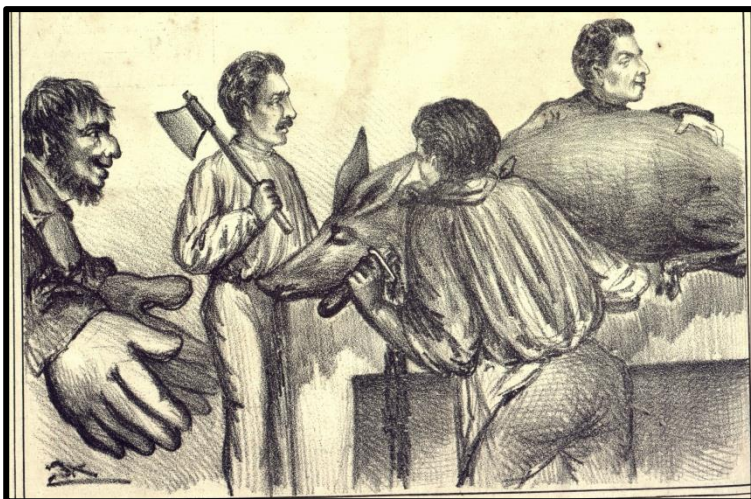
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



A personificação do povo surgia mais uma vez rindo-se da manifestação de um político, desta vez um republicano sul-rio-grandense, que estaria a determinar que ele fosse eleito no primeiro escrutínio. Diante da pretensão do candidato, o Zé comentava: “Cômico, venerando! Onde vai você parar com todo este entusiasmo?” (O SÉCULO, 5 nov. 1882). Um processo eleitoral era encarado pelo hebdomadário como o sacrifício de um animal, que contava inclusive com a aquiescência do Zé Povinho, o qual, com as mãos inchadas, não cansava de aplaudir o ocorrido (O SÉCULO, 3 dez. 1882). Mais uma vez carregando nas cores da ironia, o semanário multiplicava as figuras do Zé Povinho, apresentando-os boquiabertos e dizendo que estariam “abismados pelo *talento*” de um político local, denominado de “gênio”, sem deixar de duvidar das qualidades do homem público e da capacidade de avaliação da população (O SÉCULO, 17 dez. 1882).

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPrensa CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE



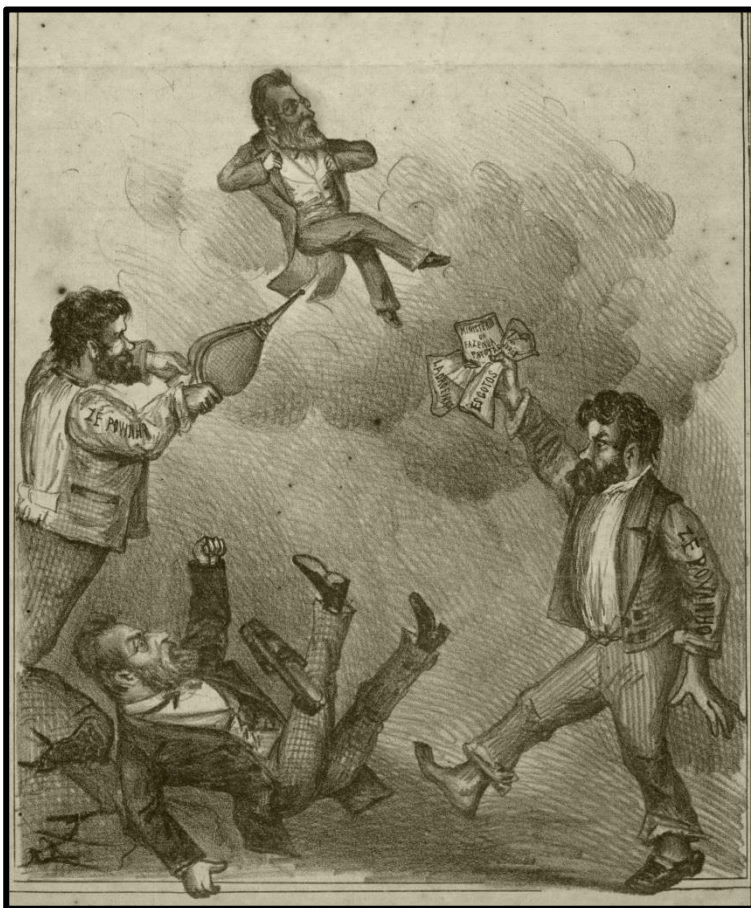


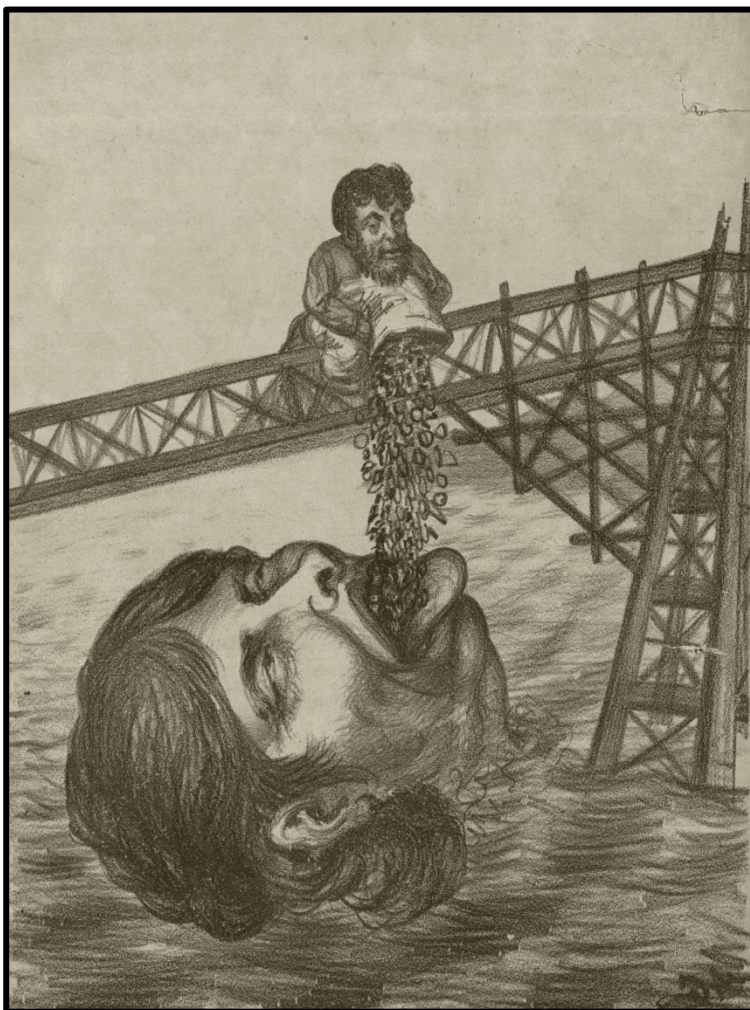
Buscando apontar um propalado poder do voto, o periódico trazia uma perspectiva de ambivalência para com o papel do Zé Povo, pois, ao mesmo tempo em que

ele promovera a ascensão de um político liberal – que pairava nos céus – teria conseguido mudar de postura e levar o mesmo político à derrocada, vindo a levar o mesmo a despencar no chão. Na concepção do semanário, “o Zé, iludido pelo canto da sereia, elevou-o ao 7º céu”; entretanto, “as escandalosas patotas, a sociedade com os compadres, a pepineira dos esgotos, a garantia de juro e outras” teriam vindo a lhe “abrir os olhos”. Dessa maneira, “o homem que tanto subiu, cai hoje vergonhosamente, apupado pelas multidões” (O SÉCULO, 25 mar. 1883). As obras da barra na cidade do Rio Grande, único porto marítimo sul-rio-grandense, foram uma aspiração secular da comunidade gaúcha, mas cuja execução foi realizada de forma bastante lenta e com gastos significativos, o que levou *O Século*, a representar tais despesas como um gigante que emergia das águas e consumia as moedas despendidas pelo povo. Na opinião da folha caricata, “a barra do Rio Grande está constituindo-se a primeira *gargântua* do universo, sem proveito de ordem alguma”, ao passo que “o Zé Povinho, tão tolo, vai derramando o seu suor, sem mugir nem tugar”. Perante tal circunstância, lamentava com a exclamação “Pobre Zé!”, que não teria “consciência dos seus atos”, pois, “se tivesse, outro galo cantaria” (O SÉCULO, 29 abr. 1883). Voltando às suas origens lusas, inclusive com sotaque, o Zé Povo afirmava que, “lá na terra dizem que o Brasil” teria “a árvore das patacas”, em referência às riquezas do país, mas discordava de tal percepção, pois só o que vira no império tropical fora “a árvore da palhaçada e dos tenentes-coronéis”, em alusão à desorganização administrativa e a preeminência do mandonismo local (O SÉCULO, 25 maio 1884). Apesar das suas orientações,

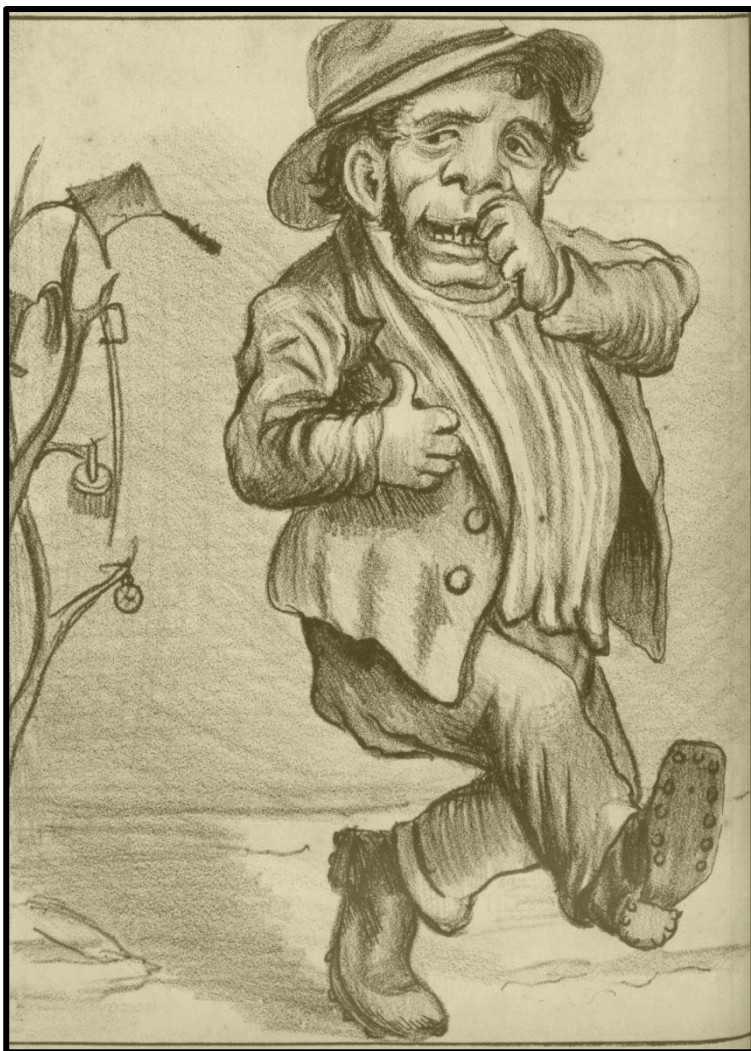
o hebdomadário se permitia discordar inclusive de um jornal conservador, personificando tal discordância na figura do Zé, que se mostrava insatisfeito com as comemorações em torno da Lei do Ventre Livre, considerada como uma “panaceia”, por ser insuficiente em relação à abolição definitiva da escravidão, bandeira que era defendida pela publicação porto-alegrense (O SÉCULO, 31 ago. 1884).

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE





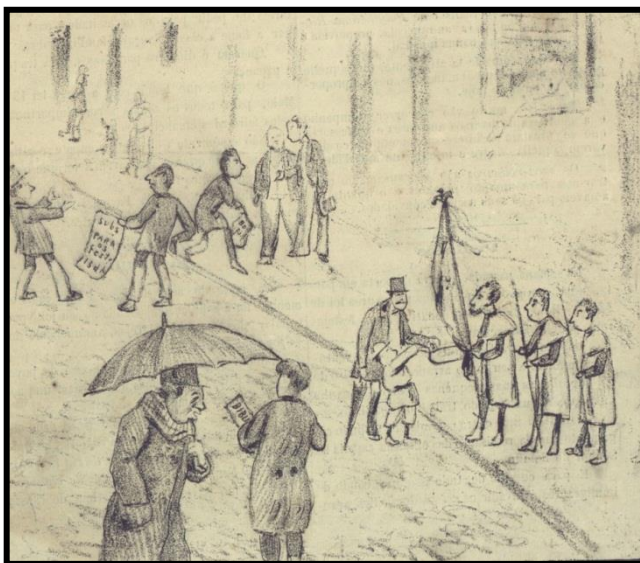
DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE





Outras inserções da imagem que representava o povo deram-se no semanário rio-grandino *Bisturi*. Logo na primeira edição do periódico, na qual fazia sua apresentação, o seu proprietário, Thadio Alves de Amorim, em autorretrato de perfil e com o crayon à mão, anunciava para o “amigo Zé Povinho” – que se

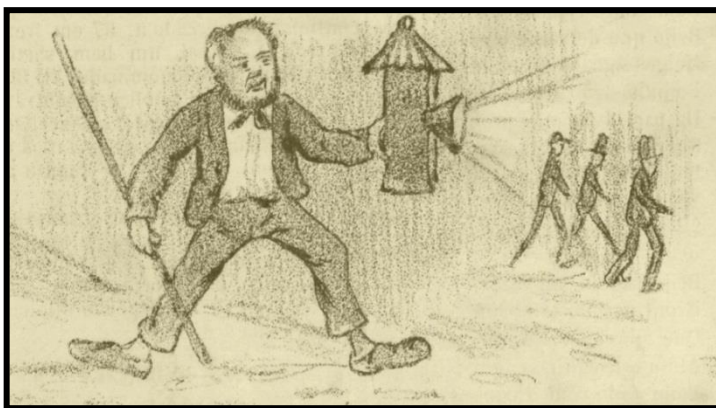
encontrava vestido a rigor -, apelando para a benevolência do mesmo para receber a nova folha: “Esperamos que vosmecê, com aquela bondade que tanto o caracteriza, se digne aceitar o nosso humorístico, satírico e pândego *Bisturi*” (BISTURI, 1º abr. 1888). Pouco depois, em uma cena do cotidiano rio-grandino, o semanário mostrava uma rua na qual os transeuntes se viam premidos por indivíduos que faziam campanhas para arrecadação de fundos, recolhendo subsídios e doações para determinadas causas. Na legenda, a publicação constata: “Pobre Zé Povo, quanto és bom e generoso, sempre com o coração e a bolsa aberta...” (BISTURI, 12 maio 1889). Mais tarde, o hebdomadário mostrava as dificuldades do Zé ao ter de arcar com as despesas oriundas das taxações, tendo à sua porta uma representação da municipalidade que lhe cobrava uma multa no valor de sessenta contos. Diante do quadro, o símbolo da arte caricatural, o bobo da corte, aconselhava o devedor em potencial a pagar, pois seria essa a sua eterna sina: “Paga Zé Povinho, paga, tu és a besta que tem de aguentar com a *carga*. Paga e não bufa!!!” (BISTURI, 29 set. 1889).





Já no período posterior à instauração da República, em plena execução da política do Encilhamento, a folha rio-grandina apresentava um quadro no qual os especuladores mamavam nos úberes de vacas que representavam os bancos, em alusão à política governamental que permitia a expansão desenfreada das operações financeiras. Diante disso, o bobo da corte forçava o Zé Povo a observar o que acontecia, afirmando: “Abre o olho Zé, vê como da noite para o dia tanta gente cria *barriga*...” (BISTURI, 4 maio 1890). Em outra oportunidade, tal qual um Diógenes, de lanterna à mão, em busca de um homem justo, o *Bisturi* mostrava “o pobre Zé Povo”, que andava “inquietamente à procura” das autoridades públicas municipais, para que tomassem providências em relação

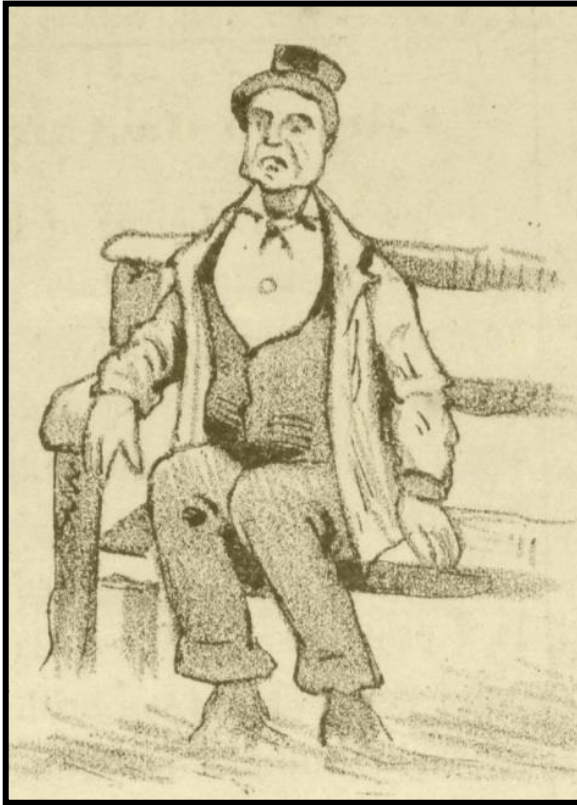
aos males que atingiam a cidade (BISTURI, 18 maio 1890).



As críticas do *Bisturi* à política estadual dominada pelo castilhismo também foram exercidas por

meio da utilização da imagem do Zé Povo. Durante uma visita do governante gaúcho, Júlio de Castilhos, à cidade do Rio Grande, em meio a um foguetório, a tradicional representação popular aparecia, com a legenda: “O Zé – o homem da *troca e coça* – foi cumprimentado, por ocasião de conhecer o Dr. Júlio e poder melhor avaliar as injustiças de que ele tem sido vítima...” (BISTURI, 1º jun. 1890). O periódico buscava implicar o governante máximo sul-rio-grandense com possíveis focos de corrupção, alegando que o mesmo fazia parte da “famosa *pepineira* do porto das Torres”. Diante disso, o Zé, sentando em um banco de praça, afirmava: “*Dão Castilho* precisa tratar da vida, ou mais claramente da barriga, lugarzinho onde a alma tem sua sede, porque o estômago tudo governa...” (BISTURI, 27 jul. 1890).

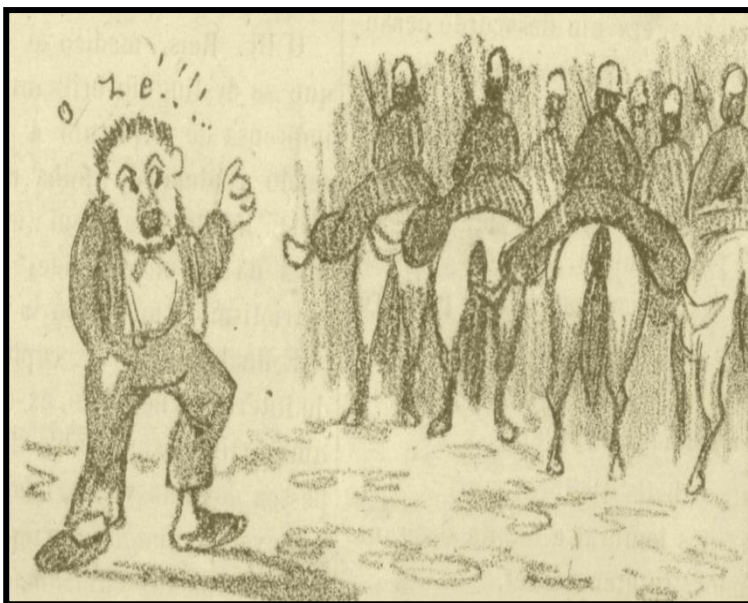


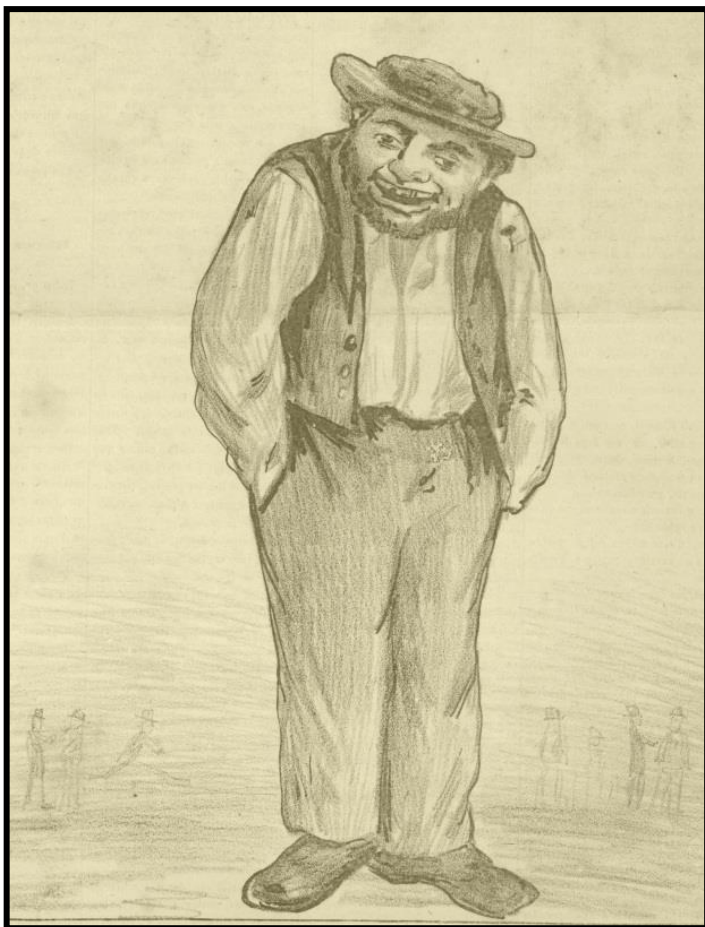


Em face da repressão imposta pelo castilhismo, o hebdomadário denunciava a presença de fortes contingentes militares na cidade do Rio Grande, reforçando o quadro de ameaças e opressões sobre a população. Tais forças, designadas ironicamente como “esquadrão formidável” e “aguerrida falange”, teriam se postado na zona portuária, de maneira “firme e arrogante como soldados de chumbo”, vindo a travar conversa com uma liderança castilhistas. Tudo era

DO ORIGINAL AO ORIGINÁRIO: IMAGENS DO ZÉ POVO NA
IMPRENSA CARICATA PORTUGUESA E SUL-RIO-GRANDENSE

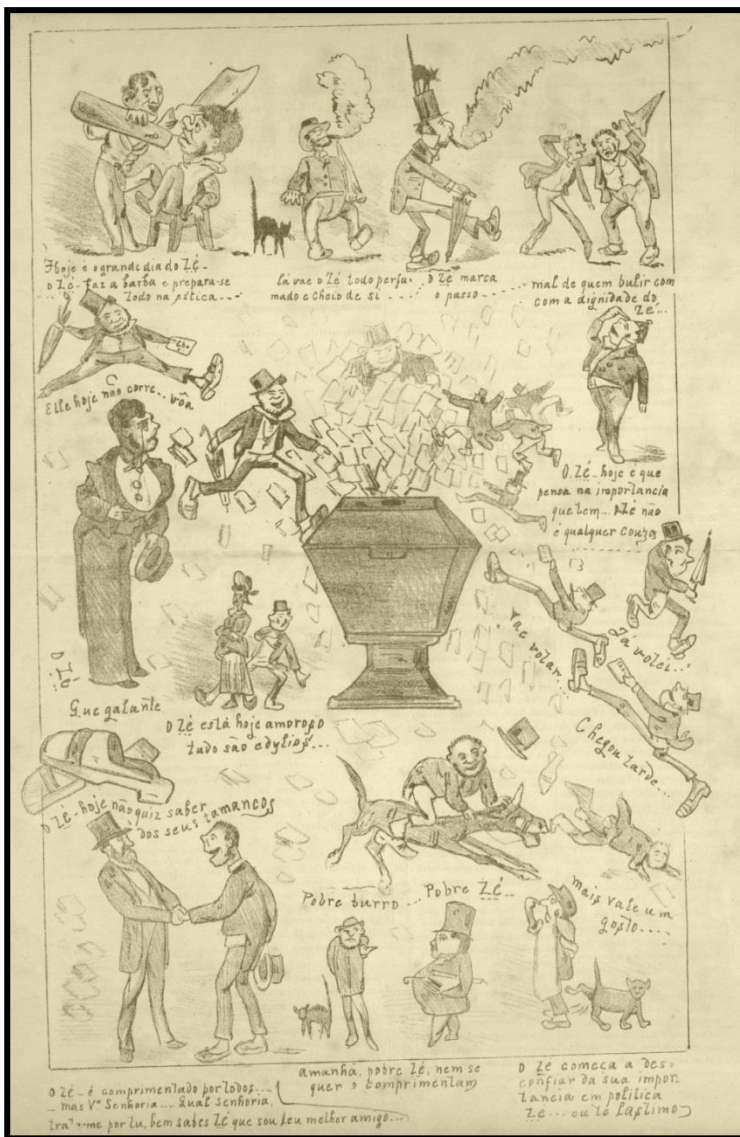
assistido ao largo pelo povo, diante do que o periódico comentava: “terminada a conferência, o comandante mandou retirar o seu regimento em demanda do quartel”, ao passo que “o Zé ficou de boca aberta, pascácio, a perguntar que gente era aquela e o que foram ali fazer...” (BISTURI, 24 ago. 1890). Frente ao intrincado momento político atravessado pelo Rio Grande do Sul, o *Bisturi* apresentava a figura do Zé Povinho, revelando ser incapaz de ter a compreensão do contexto que lhe cercava, notadamente no que tange a temáticas em torno da política. De mãos ao bolso e como que despreocupado, o personagem afirmava: “Eu o Zé - o Soberano! Eu cá sou franco, politicamente falando, cada vez fico mais burro...” (BISTURI, 31 ago. 1890).





Em época de eleição, o semanário, em um conjunto caricatural, trazia a figura de um Zé Povo recebendo um tratamento diferenciado, chegando a ser paparicado, tudo em busca do seu voto. O Zé aparecia bem barbeado, todo perfumado e cheio de si, não podendo ter bulida a sua dignidade. Naquele momento

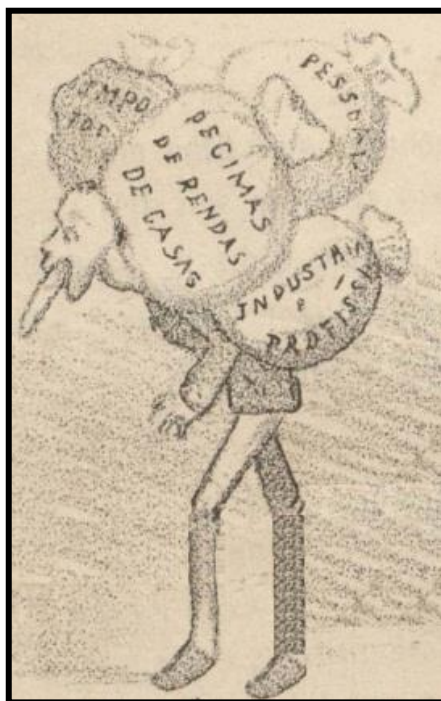
o Zé Povinho não corria, voava, surgindo galante e amoroso, deixando de ser “qualquer coisa”, sendo por todos cumprimentado e considerado como o “melhor amigo” pelos políticos. Entretanto, passado o processo eleitoral, o personagem deixava de ser cumprimentado e começava “a desconfiar da sua importância em política”, vindo a ser observado apenas com lástima (BISTURI, 14 set. 1890). Já em outra oportunidade, por ocasião mais uma vez do comparecimento às urnas, o Zé aparecia “todo faceiro”, envergando “roupa de ver a Deus e a Joana”, vindo a passear “pansudamente a sua importância” e a atrair “o olhar das moças, das velhas e... das sogras...” (BISTURI, 3 maio 1891).



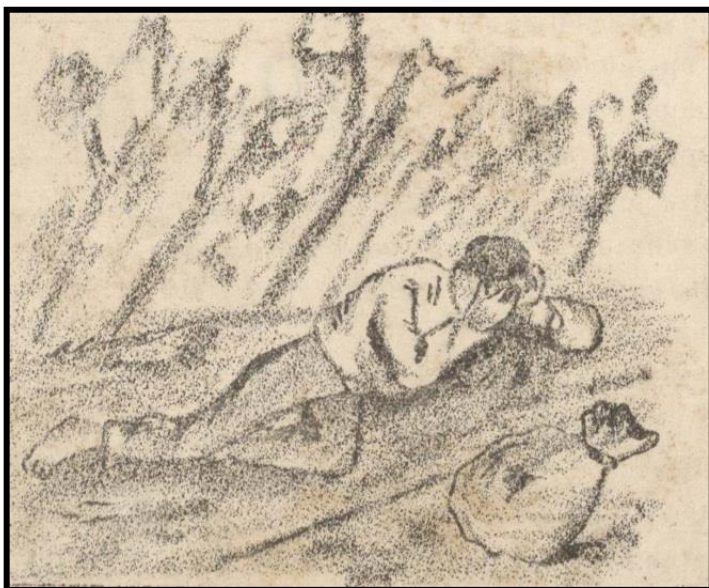


Os malfeitos realizados a partir de “encapotados negociantes, por meio de uma associação”, os quais teriam sido apoiados pela Câmara Municipal, que estaria a compactuar com a especulação e o privilégio, eram mais uma vez denunciados pela folha caricata. E tudo isso ocorria diante de um Zé estupefato, acompanhado pela expressão: “Ai! pobre povo!...” (BISTURI, 16 nov. 1890). Com pleno pessimismo, a publicação ilustrada e humorística rio-grandina trazia algumas previsões para o ano de 1891, e, uma delas, referia-se ao extremo peso de impostos e taxas que recairiam sobre os ombros do povo, explicitando que o novo ano, “com certeza, não esquecerá de contemplar com *um bonito mimo* ao Zé Povinho” (BISTURI, 28 dez. 1890).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

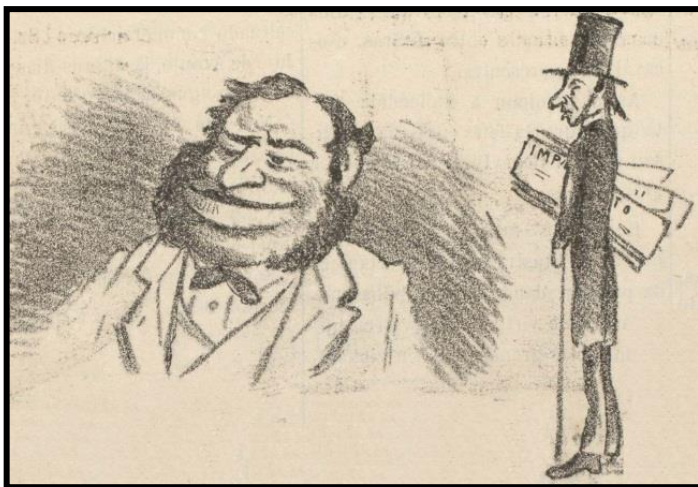


As críticas do hebdomadário destinaram-se também aos governantes na esfera federal. Em uma ilustração, o Presidente da República, Deodoro da Fonseca, recebia da figura indígena, que representava a nacionalidade, o orçamento na forma de um enorme bolo, com a ressalva de que deveria tomar cuidado, pois aquele prato seria “muito indigesto”. Diante disso, a autoridade presidencial não se mostrava preocupada, uma vez que não faltaria com quem dividi-lo, em alusão aos políticos, que, ao fundo, comemoravam. A cena era assistida de soslaio pelo Zé Povo, cujo comentário se limitava a expressão que revelava o seu conhecimento quanto aos destinos das verbas públicas, ao dizer: “Já sei... já sei...” (BISTURI, 31 jan. 1891). Frente aos desmandos que estariam tomando conta do país segundo a concepção do periódico, a figura que representava a população brasileira, por vezes, acabava por deixar-se dominar pela desesperança, com a alegação de que “às vezes o pobre Zé entrega-se ao desespero!...” (BISTURI, 12 abr. 1891).



Ao retratar a realidade por ele imaginada daqueles primórdios republicanos, o *Bisturi* enfatizava o esforço repressivo governamental, com a constante mobilização de tropas, bem como a sanha arrecadatória dos administradores públicos, que sugava a riqueza nacional por meio dos impostos. Perante tal quadro, o periódico mostrava duas representações do povo, uma robusta e com plena saúde, e a outra magérrima, como reflexo dos altos gastos públicos, aparecendo por legenda: “e o Zé, que era tão gorducho, risonho e faceiro, está reduzido à magreza” (BISTURI, 17 maio 1891). Por ocasião do Dia de Reis, o semanário mostrava uma procissão, na qual os políticos locais, no papel de Reis Magos, acompanhavam a Câmara Municipal, pedindo ao Zé Povinho um óbolo para a edilidade, em alusão à arrecadação de impostos. O Zé, entretanto, do alto de sua janela, negava-se a contribuir com o cortejo²⁶ (BISTURI, 10 jan. 1892).

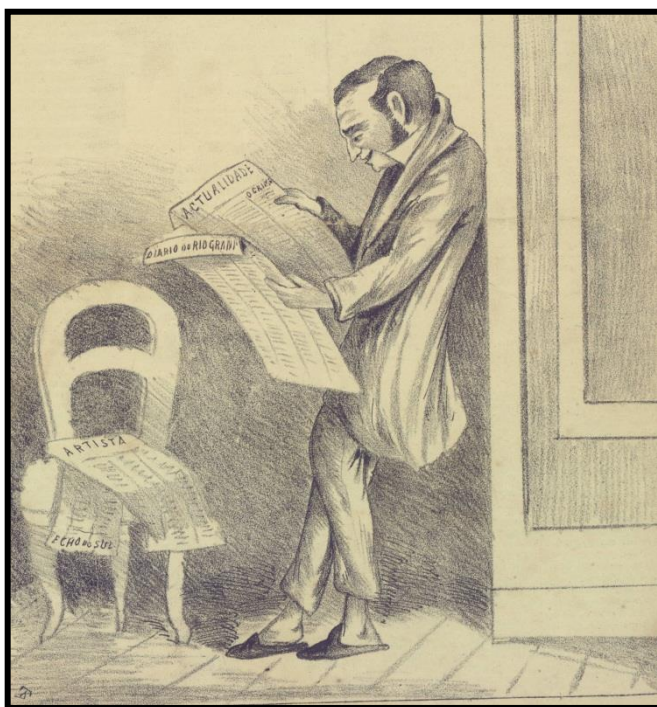
²⁶ A procissão era acompanhada por uns versinhos, que figuravam como uma música: Ô de casa, abre essa porta/ Aos Reis Magos, sê clemente/ Que chegam mortos de fome/ Das bandas do [ilegível]. // (Coro) Abri! abri!/ Andai! andai!/ Sorri! sorri!/ Entrai! entrai!// Somos os novos *profetas*./ Os lampejos da razão.../ Abre essa porta aos Reis Magos,/ Ah! por Cristo, compaixão!...// (Coro)/ Abri! abri!/ Andai! andai!/ Sorri! sorri!/ Entrai! entrai!// Ó de casa, abre essas portas,/ Deixa-te, pois, de dormir:/ Dá um óbolo aos Reis Magos/ Que andam de fome a cair.// Lá, rá, tá, rá, lá, rá, lá, lá,;;/Lari, lá, tá, tá, tá...// - Ó de casa, Zé Povinho.../ - Abre a porta à edilidade/ - Que aqui está toda *junta*/ - Qual burlesca majestade.../ Já estou velha, desdentada/ Já não puxo uma fieira./ Arruinada, *hemorrodaria*/ Já me chamam de *gaiteira*!// Do passado tenho saudade/ Do presente, amarga dor,/ No



inverno sinto frio,/ No verão muito calor.// Zé: - Tanto me
importa que grites,/ Como que estejas calada,/ Eu só dou-te,
se tu queres,/ Um prato de feijoada.

A carestia dos gêneros de primeira necessidade também foi alocada pelo hebdomadário como um dos males que afligia o povo, no caso, aquela que envolvia a “questão da carne”, com os produtores e o jornal governista tentando comprovar uma certa normalidade da situação, ao passo que os periódicos oposicionistas intentavam demonstrar as mazelas do alto custo de vida. Enquanto isso, o “pobre Zé” se limitava a dizer: “Eu só quero a carne gorda e barata!...” (BISTURI, 30 out. 1892). Também em relação à imprensa, o *Bisturi* mostrava o Zé Povo, abandonando sua indumentária tradicional, trajando vestes que representavam estar mais à vontade, no âmbito doméstico, a usufruir a leitura dos jornais oposicionistas locais, vindo a comentar: “Sim senhor, estou gostando de ler as folhas da terra, pela altivez com que narraram o crime praticado por uma *notável personagem política*!”, o qual “esbofeteou e apunhalou a um pobre homem por um frívolo motivo!... A imprensa nobremente cumpriu o seu dever, a Justiça que cumpra o seu... veremos...” (BISTURI, 15 jan. 1893).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Dessa forma, o “Zé Povo foi apresentado como lugar de não-poder e de outras carências, dotado da consciência de estar ausente de um poder que invejava e sustentava como aspiração para si”, ainda que soubesse “de sua responsabilidade na manutenção de um quadro geral de problemas”. Nas representações caricaturais foram recorrentes as referências sobre “exploração e logro do Zé Povo pelos detentores do poder”, servindo à demonstração da “ineficácia da ação governamental para solucionar problemas”, bem como os “conchavos políticos” e a “pouca credibilidade do processo eleitoral”, além de apresentar os “graves aspectos da experiência vivida pelo povo”²⁷. A inspiração de Bordalo Pinheiro tornou-se também a figura que representou o povo brasileiro e se fez presente nas representações iconográficas dos periódicos ilustrados e humorísticos sul-rio-grandenses voltados à difusão da arte caricatural, que trouxeram tal imagem tanto de modo idêntico à criação do caricaturista português, quanto com adaptações da mesma, por meio de algumas modificações no desenho original. Ainda assim, prevaleceu a perspectiva de um personagem colocado à margem das várias instâncias decisórias do país e normalmente logrado pelos homens públicos, que pretendiam destinar ao Zé Povinho nada mais do que a canga governamental.

²⁷ SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 17 e 87-88.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



9 786553 060463

ISBN: 978-65-5306-046-3